

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS- CECEN
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

PATRÍCIA FERNANDA PEREIRA SILVA

JORNAL *LA MUJER NUEVA*: FEMINISMO NO CHILE (1935-1941).

São Luís

2019

PATRÍCIA FERNANDA PEREIRA SILVA

JORNAL LA MUJER NUEVA: FEMINISMO NO CHILE (1935-1941)

Monografia apresentada à coordenação do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de licenciatura.

Orientadora: Profa. Dra. Carine Dalmás.

São Luís

2019

PATRÍCIA FERNANDA PEREIRA SILVA

JORNAL LA MUJER NUEVA: FEMINISMO NO CHILE (1935-1941).

Monografia apresentada à coordenação do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de licenciatura.

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Carine Dalmás (orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Dra Elizabeth Sousa Abrantes
Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Dra Fernanda Rodrigues Galve
Universidade Federal do Maranhão

São Luís

2019

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a minha avó-mãe Iracilda Lima Silva por toda dedicação, amor e força dada a mim durante minha trajetória, pelo exemplo de feminista que sempre foi na minha vida.

Aos meus queridos tios (Vanda Fernanda, José de Ribamar Lima e Luis Alberto) pela amizade, companheirismo e por serem muitas vezes meus pais, meus melhores sorrisos são com vocês. A Cristiane da Luz por todo companheirismo.

Luca, Jefferson, Yasmim, Ayslan, Thiago e Carlos Henrique pelo apoio e momentos de alegria.

Agradeço também a minha orientadora Carine Dalmás por toda a dedicação, paciência e suporte para a escrita deste trabalho.

Aos amigos: Gilvan Cardoso, Noé Rocha, Rafael Alves, Vitor Batista, Claudienne Ferreira, Josieuder Silva pelos melhores momentos vividos no curso de História.

Aos companheiros de Núcleo de Estudo da História das Américas- NEHA, pelos momentos de aprendizagem.

Quero agradecer Deus por todas graças recebidas e por ser minha fortaleza em todos os momentos.

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar o jornal La Mujer Nueva, órgão difusor do Movimento pro Emancipação da Mulher Chilena (MEMCH), que circulou em Santiago- Chile de 1935 a 1941. Neste período o país viveu grandes agitações políticas, sucederam-se cinco governos, sendo o primeiro a ditadura do Gal. Carlos Ibáñez e o último a Frente Popular, formaram-se ou fortaleceram-se movimentos sociais e sindicais e enfrentou o impacto da crise de 1929. O jornal La Mujer Nueva acompanhou tais eventos associando a cada um deles as demandas feministas das mulheres ligadas a partidos políticos de esquerda.

Palavra chave: La Mujer Nueva, MEMCH, feminismo, Chile.

ABSTRACT

The present work aims at analyzing the newspaper *The New Woman*, a diffuser organ of the Movement for the Emancipation of the Chilean Woman (MEMCH), that circulated in Santiago-Chile from 1935 to 1941. During this period the country experienced great political upheavals, succeeded five governments, the first being the dictatorship of Gen. Carlos Ibáñez and the last one to the Popular Front, social and union movements were formed or strengthened and faced the impact of the crisis of 1929. The newspaper *New Woman* followed these events associating to each of them the feminist demands of the woman linked to parties left-wing politicians.

Keywords: *The New Woman*, MEMCH, feminism, Chile.

Lista de siglas

MEMCH	Movimento pro Emancipação das Mulheres de Chile
PCCh	Partido Comunista do Chile
PSCh	Partido Socialista do Chile
PR	Partido Radical
CTC	Confederação dos Trabalhadores do Chile
POS	Partido Operário Socialista
FECHIF	Federação de Instituição Feminina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1.AGITAÇÕES E SURGIMENTO DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS NO CHILE NA DÉCADA DE 1930	15
1.1 Movimiento pro Emancipación de las Mujeres en Chile, MEMCH	24
2. O FEMINISMO NO PERIÓDICO <i>LA MUJER NUEVA</i>	30
2.1 Mulheres que escreveram o <i>LA MUJER NUEVA</i>	35
2.1.1 ELENA CAFFARENA	36
2.1.2 DELIE ROUGE	37
2.1.3 EULOGIA ROMÁN	38
2.1.4 MARTA VERGARA	38
2.2 Feminismo e categorias de análises	39
3. DEMANDAS DO <i>LA MUJER NUEVA</i>	43
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

O MEMCH, Movimento pro Emancipação das Mulheres de Chile, fundado em 1935, foi uma organização feminista, sem vínculo partidário declarado, mas claramente próximo às ideias dos movimentos de esquerda.¹ O MEMCH produziu o jornal *La Mujer Nueva*, Boletín del Movimiento pro Emancipación de las Mujeres de Chile, que circulou em Santiago de novembro de 1935 a fevereiro de 1941. Esse jornal é objeto e fonte deste trabalho. As mulheres que escreveram, dirigiram e editaram o jornal buscaram entender e divulgar as causas estruturais que originam as desigualdades, lutando por mudanças sociais, de maneira geral (KIRKWOOD, 2010, p.108). Naquilo que concernia às bandeiras feministas, o *La Mujer Nueva* defendeu salários iguais entre homens e mulheres, melhores condições para as mulheres viverem a maternidade, a legalização do aborto e o sufrágio universal. Além disso, apoiou bandeiras internacionalistas relacionadas ao antifascismo, à denúncia da guerra e o pacifismo.

As memchistas eram de distintas classes sociais, na direção do Movimento estavam mulheres com formação acadêmica de classe média, mas sua base era formada majoritariamente por operárias e empregadas domésticas com baixa ou nenhuma escolaridade.

No cenário mundial, na década de 1930, destacou-se a crise econômica e o avanço do nazismo. Na América ocorreram as primeiras pausas na democracia. O Chile inaugura a década com a ditadura do Gal. Carlos Ibáñez e terminou com o governo da Frente Popular. Grupos de mulheres e feministas utilizaram essa instabilidade para adentrar o campo da política e firmar suas demandas. Este trabalho pretende analisar os discursos feministas emitidos pelo jornal *La Mujer Nueva*, em diálogo com o contexto político, social e econômico do Chile. A escolha do jornal *La Mujer Nueva* foi por expor no espaço público chileno discursos de mulheres antes silenciadas. Tive acesso a todas as edições do jornal, através do portal memória chilena².

O desenvolvimento da imprensa de mulheres³ no Chile divide-se em três momentos: o primeiro momento ocorreu entre 1860 e 1900, com publicações de mulheres da elite; o

¹ O MEMCH foi formado por Elena Caffarena e Marta Vergara ambas comunistas, mas a organização não se vinculou a nenhum partido político entre 1935 a 1941.

²<http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-701.html#imagenes>

³Classifico como imprensa de mulheres revistas, jornais e folhetins escritos por mulheres. E utilizo mulheres, no plural, por compreender que não existe uma única forma de ser mulher.

segundo, entre 1900 e 1920, caracterizado por inúmeras publicações de distintos grupos de mulheres e, sendo assim, marcado por diferenças sociais e políticas; o terceiro, entre 1920 e 1940, ligado aos movimentos sufragista e feminista. Os dois últimos momentos são grifados pela diversidade de mulheres, e suas produções tiveram múltiplos objetivos, interesses, lugares sociais e políticos (MONTERO, 2010, p.117).

Na segunda metade do século XIX, o Chile passou por um processo de modernização que possibilitou aumento dos recursos econômicos públicos e privados e transformou a realidade nacional do ponto de vista material e na concepção de mundo. A promulgação do Decreto de Amunátegui, de 1877, permitiu às mulheres o direito ao acesso a todos os níveis educacionais. O Decreto possibilitou a formação acadêmica de grupos de mulheres da elite e classe média. Montero (2014, p.320) ressalta que o crescimento do nível escolar das mulheres impactou na imprensa chilena, pois aumentou o público, gerou demandas por novas produções e possibilitou o desenvolvimento da imprensa de massas. A modernização do país proporcionou, também, a incorporação de novas tecnologias na produção de impressos. Na década de 1930, os jornais e revistas produzidos por mulheres são divididos em duas vertentes: os autônomos e os com relação partidária (Montero, 2014, p.388).

Porém, no século XIX e início do XX, as mulheres continuavam excluídas da participação política e social. A exclusão das mulheres respondia a ideia de domesticidade, de natural, de inferioridade intelectual. A desigualdade entre homens e mulheres é um traço presente na maioria das sociedades, se não em todas, e costuma ser justificada como reflexo da natureza diferenciada dos dois sexos e necessária para a sobrevivência e progresso da espécie (MIGUEL, 2014, p.17).

Como contraponto a esse lugar sociocultural destinado às mulheres, surge o movimento feminista com o objetivo de explicitar e colocar em xeque a dominação masculina nas sociedades contemporâneas. O feminismo abriu portas para tematizar e questionar as categorias centrais por meio das quais era pensado o universo da política, como a noção de indivíduo, do espaço público, de autonomia, de igualdade, de justiça, de democracia e etc. (MIGUEL, 2014, p.18).

A crise econômica mundial de 1929 afetou profundamente a sociedade chilena. Configurou-se uma crise no sistema político, radicalização nas demandas por transformações sociais, migração do campo para cidade e conseqüente alterações na relação de espaço público e espaço privado. Na década de 1930, houve um aumento geral na formação de grupos políticos, grêmios e organizações no Chile (AGGIO, 1999, p 87). De modo geral, os chilenos passaram a demonstrar maior interesse pela política.

Grupos de mulheres afetadas pela instabilidade e motivadas pela agitação política do país demonstraram seu potencial enquanto sujeitos políticos e passaram a exigir sufrágio total e direitos iguais entre homens e mulheres (MONTERO, 2014, 382). Em 1931, as mulheres conquistaram o direito a votar e serem votadas em eleições municipais, a partir desse momento, os partidos políticos⁴ criaram setores de mulheres dentro dos partidos. Nesse novo contexto, a imprensa tornou-se um meio privilegiado para a divulgação de suas demandas⁵.

Para análise do *La Mujer Nueva* consideramos os sujeitos que produziram os textos, os próprios textos e o contexto em que foram produzidos. Le Goff (2003) menciona que nenhum documento é inocente, devendo ser analisado criticamente, desestruturando e desmontando para não nos deixarmos levar pelo “discurso da fonte”. Capelato afirma sobre a utilização do jornal como fonte que:

O jornal não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque permeada pela subjetividade. A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata da imprensa se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social (CAPELATO, 1988, p. 21).

Os estudos que incorporaram as mulheres na história situam-se no contexto de transformações que passou a história nos últimos tempos. No século XIX e início do XX, a história positivista valorizava fontes “oficiais”, nas quais as mulheres pouco apareciam. Para afrontar a “história de governantes e batalhas”, na década de 1920, surgiu o grupo conhecido como Escola dos Annales, que ampliou o leque de fontes e privilegiou o cotidiano, fato que contribuiu para as mulheres serem incorporadas na história. Pedro e Scoihet (2007, p.285) apontaram que o desenvolvimento de campos como história das mentalidades e história cultural reforçou a ascensão dos estudos de mulheres. Junto a tudo isso, foi fundamental o crescimento do feminismo, na década de 1960, momento no qual as mulheres foram elevadas à condição de objetos e sujeitos da História.

No primeiro capítulo, deste trabalho, veremos os embates políticos e sociais do Chile, na década de 1930, e as formações de grupos políticos e sociais, em específico a formação do

⁴A incorporação das mulheres nos partidos político é assunto trabalhado no livro *Queremos Votar en las Proximas Elecciones, historia del movimiento feminino chileno 1913-1952*, de Ximena Jiles Moreno, 1986.

⁵Circularam no Chile, na década de 1930, publicações de mulheres da elite; da classe média e operárias, ligadas a Igreja Católica; ateias; ligadas a partidos políticos, firmando assim uma variedade de discursos, Claudia Montero (2014) trabalha o tema em “Cincuenta años de prensa de mujeres en Chile, 1900-1950”.

MEMCH em 1935. No segundo capítulo apresentaremos as categorias de análises elaboradas pelo movimento feminista e o feminismo nas páginas do *La Mujer Nueva*. Por fim, no terceiro capítulo, analisaremos os temas mais recorrentes no jornal: pobreza, prostituição, maternidade, sufrágio, aborto.

1. AGITAÇÕES E SURGIMENTO DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS E POLITICA NO CHILE NA DÉCADA DE 1930

A década de 1930 foi um período turbulento na história do Chile. Em dez anos o país viveu: o fim da ditadura de Ibáñez (1927-1931); a presidência de Juan Esteban Montero (que durou apenas oito meses); uma curta República Socialista comandada por Marmaduke Grove; a presidência de Arturo Alessandri (1932-1938); e a vitória da Frente Popular, que levou a presidência o Radical Pedro Aguirre Cerda. Acontecimentos internacionais como a crise de 1929 e a expansão do fascismo também afetaram fortemente a vida dos chilenos. Conseqüentemente, os anos trinta foram marcados pelo surgimento de inúmeras organizações sociais e políticas e por protestos populares.

Nesse contexto, a participação da mulher na vida pública também se tornou objeto de debates, pois as mulheres passaram a representar uma parte substancial da força de trabalho⁶. Em 1935, ocorreu a fundação do MEMCH (Movimento pro Emancipação das Mulheres Chilenas), primeira organização feminista do país, mesmo ano em que começou a circular o jornal *La Mujer Nueva*, objeto desta pesquisa. *La Mujer Nueva*, que foi produzido pelo MEMCH, realizou campanhas pela emancipação social, biológica, econômica, jurídica e política das mulheres.

O MEMCH surgiu concomitantemente à ascensão de representações partidárias da classe média e despertar das classes trabalhadoras que se verificou no Chile na primeira metade do século XX. (AGGIO, 1999, p.89).

A ditadura de Ibáñez, iniciada em 1927, chegou ao fim em 1931. Uma marca do governo de Ibáñez foi o aumento do peso do Estado na educação, cujo acesso tornou obrigatório para os chilenos de até 15 anos, além de investir no ensino técnico (AGGIO, 1999, p, 91). Ibáñez definiu mudanças econômicas e administrativas no Chile, conhecidas como “plano de estabilidade”⁷. Na economia contou com forte apoio dos Estados Unidos da América.

Mesmo assumindo uma postura protecionista no plano industrial, Ibáñez conseguiu atrair capitais norte-americanos para o país, o que lhe facilitou o acesso ao crédito externo para realização dos inúmeros programas de seu governo. O cenário chileno de fins de 1920 era de prosperidade e não apenas

⁶ Censo da população dos anos 1910, 1920, 1930, 1940, 1950. Instituto Nacional de Estadística, INE.

⁷ O plano de estabilidade consistiu na reestruturação das funções do Estado, reforma administrativa e financeira, urbanização e obras públicas, industrialização, modificação na legislação referente às relações de trabalho. (AGGIO, 1999, p. 96)

os índices revelavam o ambiente modernizado em que se vivia. Os hábitos cotidianos se alteravam em virtude do crescimento e remodelação das cidades, em especial Santiago, acompanhados pelo cenário vertiginoso de aumento do tráfego de automóveis, ônibus, bonde, etc. (AGGIO, 1999, p. 78)

A prosperidade da década de 1920⁸ foi abalada pela crise econômica mundial de 1929. O Chile foi um dos países que mais sentiu a crise, uma avassaladora onda de desemprego atingiu os chilenos. O governo de Ibáñez aumentou os impostos, causando muitos protestos, que foram reprimidos com violência pelos governantes. Ocorreu um aumento populacional em Santiago, capital do Chile, pois muitos chilenos saíram das regiões rurais para o grande centro do país.

Os desdobramentos da crise econômica mundial afetaram profundamente a economia chilena. Conforme as estatísticas da Liga das Nações, a economia chilena foi a mais atingida em todo mundo. A queda nas exportações de salitre foi de 91% e a de produtos agrícolas atingiu 86%; o declínio das importações foi da ordem de 75%. Todas as consequências imediatas e drásticas da crise só poderiam ser enfrentadas com medidas altamente restritivas. O resultado foi o esperado: a atividade econômica contraiu-se fortemente, o desemprego acelerou-se (50 mil trabalhadores apenas na zona do salitre) e, em consequência, explodiu o conflito social. (AGGIO, 1999, p. 79).

1931 foi um ano de agitações e conflitos sociais. Os altos índices de desemprego, a repressão, por parte da ditadura de Ibáñez, provocaram muitos protestos. Estudantes, operários, mulheres saíram às ruas para exigir o fim da ditadura. A oposição política partidária, também, pedia a volta do “civilismo”. As mulheres realizaram a primeira grande manifestação nacional em 1931, em protesto contra a ditadura de Ibáñez. (MORENO, 1986, p. 76).

Com o fim da ditadura de Ibáñez, novas eleições foram convocadas para 4 de outubro de 1931. A disputa ficou entre Juan Esteban Montero, um jurista e professor universitário, e Arturo Alessandri. Esteban Montero foi apoiado pelos partidos: Radical, Conservador, Liberal da União Republicana. Alessandri teve o apoio dos grupos reformistas, unificados na *Convención de Izquierda*⁹. Nas urnas, com 182.177¹⁰, o jurista Juan Esteban Montero venceu.

Na formação de seu governo, Montero buscou aproximação com setores tradicionais, deixando de lado a Esquerda. Seu governo durou oito meses, pois um golpe da Força Aérea,

⁸ A prosperidade econômica de 1920 foi baseada na exportação de salitre, os hábitos dos chilenos, nesse período, se alteraram em virtude do crescimento econômico e da remodelação das cidades.

⁹ Participaram da *Convención de Izquierda* os partidos: Democratas, Socialista de Chile, Liberal Democrático, Radical Socialista e outros (CORREA, 1979, p.81).

¹⁰ Dados extraídos de CORREA (1979).

conduzido por Marmaduke Grove, o tirou do poder. Este golpe ficou conhecido como “República Socialista de 1932”.

Apesar de efêmera, a República Socialista representou muito para as mulheres, pois, pela primeira vez uma mulher ocupou um cargo de muita importância (MORENO, 1986, p. 62). Alguns autores consideram como “republica socialista de 1932” apenas o primeiro governo nascido da rebelião de 4 de junho, que é o governo de Grove, que durou apenas 12 dias; outros entendem que o seu término foi com a renúncia do general Dávila, em 13 de setembro, estendendo a duração do movimento por 100 dias.(AGGIO, 1999, p. 81).

No período de dois anos (1931-1932) o Chile viveria sua segunda disputa presidencial. Após a República Socialista, foram convocadas novas eleições presidenciais para o mês de outubro de 1932.

Arturo Alessandri venceu a eleição presencial de 1932, com o apoio do Partido Radical e de grupos de esquerda¹¹, atingiu 54,7% do eleitorado. Ao assumir o governo, Alessandri baseou seu mandato na ideia de um “Estado forte” com o lema “ordem e disciplina em todas as hierarquias” (AGGIO, 1999, p. 48).

Alessandri afirmava em seus discursos que não faria um governo partidário, mas um governo de todos e para todos. No primeiro momento, os partidos Democratas, Radical, os Liberais e Conservadores aceitaram a proposta de Alessandri, de um governo de todos. O apoio dos Radicais ao governo representava o desejo de continuidade do Alessandri populista da década de 1920.

O estabelecimento da Faculdade Extraordinária¹² foi a primeira medida implementada pelo presidente. Alessandri utilizou esse recurso para reprimir a esquerda, relegar sindicatos e censurar a imprensa de oposição ao governo (CORREA, 1979, p. 436).

Alessandri realizou a repressão indiscriminada dos sindicatos, isso gerou a união dos Partidos Comunista e Socialista¹³. A distância entre a Direita e a Esquerda estava cada vez maior no Chile. Essa rivalidade extrapolava o campo político institucional (governo, parlamento, partidos, sindicatos, etc.), repercutindo também em movimentos e demandas sociais mais diversificadas. Nesse sentido, as mulheres que integraram o MEMCH, ligadas a

¹¹Eleito com o apoio da esquerda, Alessandri governou com a Direita. Sendo, por essa razão, considerado um traído oportunista pela Esquerda.

¹² Foi estabelecida a Faculdade Extraordinária, no Chile, de abril a outubro de 1933; e de dezembro de 1933 a junho de 1934.

¹³ Partido Comunista seguia as linhas da III Internacional e rechaçava as tendências parlamentares do Partido Socialista, que por sua vez, rejeitava a orientação ultra-esquerdista do PC anterior a 1935.

partidos de Esquerda (Comunista e Socialista) “jugaran su papel, no sólo compartiendo los problemas comunes a su condicion social, sino demandando además, sus derechos específicos en cuanto a género” (MORENO, 1986, p. 27). O Chile estava partidarizado.

Diz-se que, quando se pergunta a um americano “o que você é?”, ele invariavelmente responde indicando sua origem étnica: judeu, negro, porto-riquenho. Se a mesma pergunta é feita a um francês, este designará sua profissão: operário, técnico, funcionário, médico...; um argentino responderá, provavelmente, indicando o time de futebol de sua preferência. Pois bem, no Chile, tradicionalmente, se a pergunta “o que você é?” fosse feita a alguém, se responderia fazendo menção à sua simpatia política: democrata- cristão, comunista, alessandrista, socialista... Uma sociedade dominada pela política, modelada a partir do Estado? Esta tem sido a explicação que a intelligentsia chilena tem dado ao que se acaba de descrever. E, na verdade, esta representação se adéqua bastante à evolução histórica do Chile (TIRONI, 1986, p. 161 apud AGGIO, 1999, p. 35).

Em 1932, os efeitos das crises econômicas que afetaram o Chile na década anterior deixaram um déficit fiscal enorme e uma dívida externa de níveis astronômicos. As medidas de Alessandri para recuperar a economia foram: pagamento da dívida externa, aumento da produção nacional e o começo ativo de industrialização (CORREA, 1979, p. 41).

Os aumentos de impostos aos pequenos produtores, baixos salários, a persistência da péssima situação social (Desemprego, fome, ausência de saneamento básico, analfabetismo) agitavam a população chilena. Alessandri possuía um plano econômico, em que poucos acreditavam, pois propunha-se a solucionar a pobreza através da “cooperação”:

Enfatizando que a reconstrução do país deveria contar com o apoio dos “afortunados” e dos “desgraçados”; os primeiros deveriam “resignar-se a ceder o máximo que permitam suas possibilidades”, enquanto que os últimos teriam que “resignar-se também ao máximo dos sacrifícios possíveis”. (AGGIO, 1999, p. 83).

Medidas que visavam alcançar o equilíbrio dos orçamentos, redução dos gastos fiscais, desenvolvimento industrial e proteção da agricultura caracterizaram as tentativas do governo de Alessandri para solucionar a crise econômica. Mas os fracassos das iniciativas causaram descrédito entre os chilenos na “democracia liberal” e a consideração das propostas dos partidos marxistas como uma possibilidade real de sair da crise (CORREA, 1979, p. 37).

Nesse cenário formaram-se inúmeros partidos de orientação socialista, dentre os quais se destacaram: Partido Socialista Marxista; A Nova Ação Pública; A Ordem Socialista; Ação Revolucionaria Socialista e Partido Socialista Unificado. Em 1933, todos esses grupos se uniram para formar o Partido Socialista (CORREA, 1979, p. 39).

Em 1934, as forças políticas organizaram suas juventudes em milícias paramilitares que se enfrentavam nas ruas de Santiago e em outros centros políticos. Foi um ano de violência. Em Ranquil ocorreu um levante de camponeses indígenas contra os abusos do

governo que foi duramente reprimido pelas forças policiais governamentais (SUBERCASEAUX, 2011, p. 468).

Também em 1934, as mulheres conquistaram, por meio de amplas manifestações públicas realizadas desde 1931, o direito de votar e serem votadas nas eleições municipais, após a aprovação da Lei nº5357. (MORENO, 1986, p. 59).

Mantiveram o clima de confrontação política e ideológica. Acabou por gerar, na vida cotidiana, uma estranha sensação de generalização do “estado de guerra”, precisamente no momento em que a normalização da vida política parecia retornar. Por algum tempo esta milícias introduziram um sentimento e um cenário que os contemporâneos definiram como “um tempo em que todos usavam fardas”. (AGGIO, 1999, p. 83).

A greve dos ferroviários, em 1936, paralisou a economia do Vale Central¹⁴. Alessandri decretou que a greve teria sido planejada pelo Partido Comunista, por essa razão colocou o PC na ilegalidade, O governo atribuiu ao PC a liderança da greve e utilizou essa informação como pretexto para colocar os comunistas na ilegalidade. Polícia e o exército reprimiram os grevistas, prenderam os líderes dos sindicatos e censuram a imprensa de oposição ao governo (CORREA, 1979, p. 101). Alessandri fez com que o exército chileno operasse as máquinas. Como os trabalhadores da região norte não aderiram à greve, a normalidade das ferrovias foi rapidamente restabelecida.

A persistência da crise econômico-social; a violência e repreensão do governo; a clandestinidade dos partidos de esquerda (Comunista e Socialista) favoreceu a união de partidos de esquerda e centro para a formação da coligação Frente Popular, ainda em 1936.

O Movimento Comunista Internacional começava estimular as alianças políticas mais amplas, afirmavam que para salvar a democracia era valido até a união com “partidos burgueses” (AGGIO, 1999, p. 104). Em 1934, ocorreu em Moscou a Conferência Latino-Americana dos Partidos Comunistas, na qual apresentaram duas vias de chegar ao poder: A Revolução ou a Frente Popular. Em 1935, a Frente Popular venceu as eleições parlamentares na França. Em 1936, venceu na Espanha. Na América, o Chile foi o único país a viver essa experiência.

Segundo Aggio, no Chile a Frente Popular não nasceu de uma determinação externa, as motivações internas relacionadas às crises econômicas e cisões políticas que marcaram as disputas internas, desde o início da década de 1930, representaram as razões centrais para a formação da Frente Popular (AGGIO, 1999, p. 102).

¹⁴Região entre a Cordilheira dos Andes e a Cordilheira da Costa, onde as condições climáticas começaram a ser aproveitadas pela vitivinicultura no final do século XIX.

As mudanças ocorridas no Partido Radical, nesse período, foram fundamentais para a formação da Frente Popular.

A queda de Ibáñez (1931) e os efeitos da crise mundial mostraram aos Radicais que não seria fácil manter as mesmas alianças políticas que funcionaram em períodos de prosperidade, nas quais estes sempre apareciam como sócios menores dos Liberais. (AGGIO, 1999, p. 102).

Em 1936, os Partidos Comunista, Socialista e Radical entraram em acordo para a formação de uma frente popular no Chile. Ocorreu uma disputa interna na Frente Popular, para saber quem seria o candidato à presidência. A disputa polarizou-se entre o socialista Marmaduke Grove e o radical Pedro Aguirre Cerda.

CANDIDATOS	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	7 ^a
Pedro Aguirre (PR)	400	400	400	400	400	400	400
Marmaduke Grove (PS)	362	362	360	360	360	360	360
Elías Lafertte (PC)	148	150	150	150	150	150	X
Juan Pradenas (DU)	120	120	120	120	120	X	X
ABSTENÇÕES	X	X	X	X	X	X	X
TOTAL DE VOTANTES	1.030	1.030	1.030	1.030	1.030	1.030	1.030

FONTE: Jornal *La Opinión*, 16/04/1938, citado em AGGIO, 1999, p. 112

Após as eleições internas, a Frente Popular constituiu-se como uma aliança de centro-esquerda e lançou a candidatura do Radical Pedro Aguirre Cerda. A disputa presidencial de 1938 centrou-se na disputa entre a oposição e os governistas. A oposição estava dividida entre a Frente Popular e a União Socialista, que lançou a candidatura de Carlos Ibáñez. Já os governistas estavam unidos na campanha de Gustavo Ross, que representava a continuidade do Governo de Alessandri.

El programa de Ross se presentó como la continuación de Gobierno, tanto en lo político como en lo económico. Su lema fue “orden y trabajo”. El orden era necesario para que pudiera desarrollarse el trabajo, única forma de prosperar, ya que aumentar la producción hay más bienes que repartir. (CORREA, 1979, p.)

Ross, em sua campanha, atacava a Frente Popular, noticiando, em jornais do governo, que a união de centro-esquerda era inimiga da prosperidade, grupo de anárquicos, destruidores da Família (AGGIO, 1999, p. 130). Pedro Aguirre levou, em sua campanha, o lema “*Pan, Techo y Abrigo*”, assegurando não se tratar de utopia, mas de um plano de ação que permitiria criar riquezas e distribuí-las equitativamente. (CORREA, 1979, p. 87).

Ese plan de acción significaba en concreto “crear un poder estatal con autoridad suficiente para dirigir la economía nacional dentro de principios

nuevos, que restablezcan el precio justo, la utilidad social”(CORREA, 1979, p.88)

Carlos Ibáñez¹⁵ disputaria as eleições presidenciais, de 1938, como candidato da Esquerda, antioligaérquico e em busca de justiça social. Filiado à União Socialista¹⁶, teria o apoio da *Alianza Popular Libertadora*¹⁷.

Ambos compartían una antipatía profunda por Ross, y por el Gobierno en general, y un temor de que Alessandri interviniera en las elecciones a favor de éste. González Videla se puso en contacto con González Von Marées, el jefer del Movimiento Nacional Socialista, para llegar a un acuerdo de unidad. (CORREA, 1979, p.103)

A Frente Popular e a *Alianza Popular Libertadora*, meses antes da eleição, entraram em acordo de apoiar somente a candidatura de Pedro Aguirre Cerda.

Em 5 de setembro de 1938, dois meses antes da eleição, um grupo de jovens nacional-socialistas, armados e por meio de violência, ocupou a Universidade do Chile, em Santiago. O desejo do grupo era a renúncia de Alessandri e a formação de um novo governo. Os jovens contavam com o apoio do exército, mas não obtiveram, sendo dominados e presos pelas forças governamentais. (AGGIO, 1999, p. 177). No mesmo dia, outro grupo de inspiração nazista ocupou o prédio do *Seguro Social Obrero*, que ficava muito próximo ao palácio do governo chileno, o *La Moneda*. Após dominar o grupo, que invadiu o prédio do *Seguro Social Obrero*, Alessandri deu ordem para que o Exército levasse, para o mesmo local os jovens presos pelo episódio da Universidade do Chile. O exército uniu os dois grupos, conduzindo-os ao último andar do prédio, onde ocorreu o fuzilamento dos sessenta e três jovens (SUBERCASEAUX, 2011, p. 470).

A vitória da Frente Popular ocorreu com uma pequena vantagem: Pedro Aguirre Cerda venceu as eleições com 50,17% dos votos válidos. Alessandri reconheceu a derrota e, em 14 de dezembro de 1938, o congresso chileno declarou Aguirre Cerda presidente eleito.

Para os Comunistas, a vitória significou a força da unidade do povo chileno; para os Socialistas, uma esperança de mudança e uma manifestação de liberdade das classes populares; e por fim, para os Radicais ela se configurou numa expressão de justiça, presente na proposta apresentada pela Frente Popular. Como valor compartilhado e articulador destas visões estava a defesa da democracia. Esta assumia, contudo, um sentido distinto conforme

¹⁵Ibáñez seria preso às vésperas da eleição, por suspeita de comandar um levante contra o Governo de Alessandri. Do presídio, Ibáñez indicou que seus apoiadores votassem na Frente Popular.

¹⁶ Esse Partido surgiu de um racha dentro do Partido Socialista.

¹⁷*Alianza Popular Libertadora* foi a coligação formada por: União do Movimento Nacionalista, União Socialista e a Organização Ibañista.

o enfoque de cada uma destas forças política. Para o Partido Comunista, democracia era a defesa das reivindicações populares contra o inimigo comum: a oligarquia associada ao imperialismo. Para o Partido Socialista, a democracia era o espaço de liberdade para que o povo chileno, oprimido, explorado e pobre, pudesse lutar pelas transformações da sociedade. Por fim, para o Partido Radical, democracia era encarada como “justo meio”, isto é, a capacidade do governo de responder, gradativamente, às necessidades do povo; a democracia era a possibilidade de avançar e evitar excessos. (AGGIO, 1999, p. 122).

A vitória de 1938 deu início a um período de quatorze anos de governos com integrantes do PR ocupando o poder executivo chileno. Pedro Aguirre Cerda chamou todos os partidos que compunham a Frente Popular para participarem do governo. O Partido Comunista recusou-se a participar diretamente do governo porque queriam desmentir as alegações da direita de que a Frente Popular era uma criação da III Internacional.

Nesse primeiro mandato, que se estendeu até 1942 e foi marcado pelo falecimento de Pedro Aguirre Cerda¹⁸.

A direita era maioria no Parlamento, impossibilitando a implementação das medidas de cunho social que estavam no programa de governo da Frente Popular. Além da forte oposição da direita no Parlamento e em jornais que realizavam propaganda antifrentista, existiam grandes divergências dentro da Frente Popular, principalmente entre Comunistas e Socialistas.

Os partidos da direita chilena, desde o início, manifestaram-se fortemente empenhados em bloquear as ações governamentais, especialmente aquelas de natureza reformista. Diante deste bloqueio imposto pela direita, o recurso que o governo da Frente Popular procurou usar foi a mobilização de suas bases sociais, bem como a utilização das faculdades reguladoras de que dispunha o Poder Executivo. (AGGIO, 1999, p. 129).

O governo da Frente Popular buscou apoio na mobilização popular, beneficiou os partidos Marxistas e a Confederação dos Trabalhadores do Chile (CTC). No período do governo frentista (1938-1941) ocorreu um grande aumento nos números de sindicatos.

Os Católicos Conservadores faziam total oposição ao governo de Aguirre Cerda, afirmando que a Frente Popular representava risco aos valores cristãos. Já o Partido Liberal fazia uma oposição moderada, visando uma provável união futura com os Radicais. (AGGIO, 1999, p. 129).

O governo da Frente Popular enfrentou a forte oposição de Liberais e Conservadores no Parlamento; tentativa de golpe militar (articulada pelo general do exercido Aristo Herrera e

¹⁸ Em 10 de novembro de 1941, Pedro Aguirre Cerda já muito doente deixou o cargo de presidente da república, entregando-o ao ministro do Interior Jerónimo Méndez Arancibia. Em 25 de novembro, do mesmo ano, Aguirre morreu de tuberculose.

pelo ex-presidente Ibáñez); pressão dos latifundiários. Mas contou com forte apoio da população chilena. (AGGIO, 1999, p.132).

A partir 1939, o PCCh mudou gradualmente o seu enfoque. A IC suspendeu sua política frentista após a assinatura do Pacto de Não Agressão entre União Soviética e a Alemanha Nazista. Os comunistas abandonaram, nesse período, a análise política centrada na polarização fascismo e democracia e reforçaram a ênfase na contradição entre capitalismo e socialismo, na esfera mundial, e na América, imperialismo e libertação nacional (DÁLMAS, 2012, p.71).

As tensões entre PCCh e PSCh aumentavam, os partidos lutaram pelo controle dos movimentos operários. E em 1940 chegou ao fim a Frente Popular.

1.1 Movimento pro Emancipación de las Mujeres en Chile, MEMCH.

A primeira metade do século XX foi crucial para a conformação dos discursos e práticas feministas no Chile. A ditadura de Carlos Ibáñez (1927-1931) estimulou a politização da sociedade, nesse período ocorreu “un gran afianzamiento de partidos orgánicos en desmedro de movimiento gremiales específicos y libertários” (KIRKWOOD, 2010, p.47). Em 1931, as mulheres começaram a participar dos partidos políticos, lutando contra a ditadura de Ibáñez. Julieta Kirkwood chamou essa corrente de mulheres que adentrou aos partidos políticos de *Integralismo*. Os partidos assumem uma nova consciência qualificando as mulheres como cidadãs. (KIRKWOOD, 2010, p.51)

Outra corrente de ação feminina apontada por Kirkwood foi a *desmovilización política*, que defendia a “ordem”, a “família” e os “valores cristãos”, não representavam a direita política e estavam ligadas à Igreja Católica. A terceira corrente de ação feminina foi a *incipiente feminista*, que surgiu da análise crítica da sociedade contemporânea e que lutava por direitos políticos e sociais da mulher. “La mujer, quiérese o no, pasa a constituir, en cuanto objeto o en cuanto sujeto, un problema político. Su responsabilidad habrá de ser, en adelante, de esa naturaleza”. (KIRKWOOD, 2010, p. 50).

Em 1931, a mulher conquista o direito de votar e ser votada em eleições municipais no Chile. O país vivia uma forte crise econômica, nesse mesmo ano, caía a ditadura de Carlos Ibáñez. “Son aquellas coyunturas de crisis las que propician la incorporación ativa de la mujer a todas áreas del quahacer social”(MORENA,1986, p.76). O clima de guerra mundial, ascensão e queda de governos por meio de golpes de Estado de várias orientações favoreceram o processo de valorização do político, em detrimento ao social, por parte das mulheres na década de 1930 (KIRKWOOD, 2010, p.120).

Estudantes, professores, trabalhadores, sindicalistas, todos saíram às ruas após a queda de Carlos Ibáñez. As ruas no Chile tornaram-se palco de ações políticas. E grupos de mulheres foram, também, às ruas firmar suas posições políticas, participando ativamente da campanha de Juan Esteban Montero à presidência.

Mujeres de diversas tendencias politicas se concentraron en calles y teatros para apoyar al candidato que aparecia como “salvador” frente a la critica situación política y economica que vivia el país. A lo largo de todo Chile, mujeres de diversas clases sociales proclamaron al catedrático Montero a la presidencia de la Republica y lo convirtieron en un simbolo de union, paz, justicia, trabajo y progreso. (MORENO, 1986. p.48)

Esteban Montero venceu a eleição de 1931, mas oito meses após sua posse, um golpe militar o tirou da presidência. Membros da Força Aérea instalaram uma República Socialista,

que levou ao poder central do Chile os generais: Grove, D'ávila e Blanche. A efêmera República Socialista durou 100 dias sendo, após seu término, convocadas novas eleições que elegeram Alessandri. Todos esses acontecimentos ocorreram em menos de um mês.

A conquista do voto municipal foi o primeiro passo para a conquista de totais direitos políticos para as mulheres. A partir da conquista do voto, em 1931, vários grupos de mulheres¹⁹ e grupos feministas²⁰ formaram-se no Chile. Exemplos de organizações de mulheres no Chile, nas primeiras décadas do século XX: *Partido Cívico Femenino*, 1922; *La Unión Femenina de Chile*, 1927; *Asociación de Mujeres Universitarias*, 1931; *Comité Pro Derecho Civiles de la Mujer*, em 1933; *Mujeres pro Ayuda y Defensa de los Ferroviarios*, em 1934; MEMCH, 1935.

O MEMCH foi a primeira organização feminista do Chile (KIKWOOD, 2010, p.89). A diversidade cultural, econômica e social das integrantes do MEMCH, chama atenção. Participaram do movimento: médicas, advogadas, donas de casa, funcionárias de indústrias, etc. Todas as classes sociais possuíam representação no MEMCH.

Entiendo que esta organización, el MEMCH, podría ser calificada como “utópica” y, desde luego, la utopía por la dimensión del relato de este movimiento no está descartada, pero eso no empaña en ningún sentido su realismo y exactitud. Como diría Jacques Ranciere, el MEMCH amplió el horizonte de lo posible y de lo pensable a partir de sus mecanismos que generaron una ecuación entre cuerpo, letra y territorio. Y fue la generación de un extenso colectivo de mujeres lo que definió el concepto de “emancipación” pensada en los años treinta del siglo XX por el MEMCH y sus integrantes. (MORENO, 1986, p. 12)

O MEMCH foi um movimento feminista aberto, pluralista, de caráter nacional, articulava a luta feminista através de numerosas campanhas e ações políticas. Os temas mais debatidos no MEMCH foram: educação feminina, a luta pelo voto universal, aborto, divórcio, leis trabalhistas específicas para proteger as mulheres, luta contra o fascismo. (MORENO, 1986, p.09). Marta Vergara, em suas memórias, caracterizou o MEMCH da seguinte maneira:

Su carácter extraordinario se debió, desde luego, a su programa aplicable a las mujeres de todas las clases sociales, atrayentes para burguesas y proletarias, cubriendo desde el voto hasta la difusión de los métodos anticoncepcionales entre las desvalidadas. En relación con esto último, demostramos gran audacia. Casi temeridad. (VERGARA, 1962, p.165)

Kirkwood firma que a base do MEMCH foram os *Centros de Belén de Zárraga*, que surgiram em 1913 em Iquique, Antofagasta e outras zonas salitreras. Nos *Centros* as

¹⁹Trata-se de um movimento cujas reivindicações não são de direitos específicos das mulheres. São movimentos sociais onde os componentes são em maioria mulheres. (PEDRO, 2005, p. 81)

²⁰Lutas que reconhecem as mulheres como oprimidas e afirmam que as relações entre mulheres e homens não são inscritas na natureza, portanto são passíveis de transformações. (PEDRO, 2005, p. 81)

mulheres se comprometiam a não ter relações com o clero e suas instituições. Mas também lutavam pelo desenvolvimento das zonas de salitre (KIRKWOOD, 2010, p. 83). Luis Emilio Recabarren²¹ defendeu a emancipação das mulheres, “insistiendo sobre la necesidad de atender preferentemente a su educación, liberarla del fanatismo religioso, de la toma de conciencia por parte de las mujeres de su propia responsabilidad social”. (KIRKWOOD, 2010, p. 83). Recabarren tornava visíveis as lutas, das mulheres pelo mundo, por direitos e liberdade através das páginas do jornal que dirigia e que se chamava *El Despertar de Iquique*:

Así se publican, durante 1913, una serie de artículos referidos a la concesión del voto a las mujeres en Albany, EE.UU.; “La mujer de hoy y la de un cercano mañana”; sobre el feminismo en Inglaterra, la reforma electoral de Inglaterra, artículos de Belén de Zárraga tales como “la mujer como entidad social”, “ la mujer en acción” artículos sobre o voto de las mujeres, opiniones de Mme. De Steel y Paul Margueritte; “lo que piensa Clara Zetkin”, etc.

Se realizó, además, una gran difusión del sufragismo internacional y del movimiento de emancipación emergente en Chile, informando sobre la fundación de los Centros femeninos, sobre las veladas realizadas y sus declaraciones de principios.

Para estimular a las mujeres a escribir, expresarse sobre el tema de su liberación, Recabarren había recomendado a sus discípulos y colaboradores que recurrieran a un ardid: escribir con pseudónimo femenino. Así, por ejemplo, Salvador Barra Woll firmo sus artículos con pseudónimo de Dora Vala. (KIRKWOOD, 2010, p. 84).

O MEMCH tratou questões no campo da moral e da sexualidade, sendo a única organização a realizar essa ação, sempre equilibrando a luta feminista e as questões sociais. Por essa razão é considerado um grupo feminista progressista, que visava solucionar a problemática político-social da mulher, sendo seu principal objetivo a retirada da mulher do “lar” para conectá-las ao mundo e seus problemas, entre os quais estava reconhecer sua própria condição. (KIRKWOOD, 2010, p. 78).

Nas eleições municipais de 1934, primeira em que as mulheres participariam, surgiu uma grande dúvida: em quem as mulheres iriam votar? Elena Caffarena²² afirma que “reclutar mujeres, atraer mujeres; hay todo un campo inexplorado que exige esfuerzo, dedicación e tenacidad” (CAFFARENA, 1945, p. 35). A participação das mulheres, votando e sendo votadas, levou novas demandas para o campo da política chilena. Paradoxalmente, a direita, cuja orientação político-ideológica defendia papéis de gênero tradicionais e a restrição do lugar de ação da mulher, mostrou-se muito propensa a recrutar mulheres e conseguir seus votos. Os conservadores trataram de atrair o voto feminino com slogans pró-família, tais

²¹Fundador, em 1912, do Partido Operário Socialista (POS) que mais tarde se transformaria no Partido Comunista do Chile (PCCH).

²²Elena Caffarena foi diretora geral do MEMCH de 1935 a 1940.

como: “SÓ A DIREITA CUIDA DOS SEUS FILHOS”, “SÓ A DIREITA PROTEGE VOSSOS LARES” (KIRKWOOD, 2010, p.81).

Os partidos de esquerda, por outro lado, focaram todos seus esforços nos assuntos dos trabalhadores, não fazendo muito esforço para conquistar os votos das mulheres. As mulheres foram alvo de propagandas de grupos da direita e da Igreja Católica. Tais propagandas denunciavam a esquerda como oposta aos valores da ordem, da pátria e da família. As organizações e partidos de esquerda não contestaram. Quando, em 1935, o resultado nas urnas foi favorável à direita, a esquerda aceitou o fato como fatalismo.

Esta situación de despreocupación de los partidos progresistas exaspera a las mujeres del MEMCH. Ellos no realizan trabajo electoral, ni de formación, ni revelan políticamente la temática femenina. Después de cuatro años de participación de la mujer en elecciones, los partidos se limitan a quejarse de que “el voto femenino haya causado tal desastre” y seguirán sin hacer nada- ni permitir que se haga- para evitarlo. (KIRKWOOD, 2010, p. 125)

De fato, as mulheres que votaram nas eleições municipais de 1935 apoiaram, na sua grande maioria, o Partido Conservador e o Partido Liberal. Além disso, a direita conseguiu que 21 mulheres de seus partidos fossem eleitas como vereadoras. Enquanto os demais partidos políticos conseguiram eleger somente 4 mulheres. (MORENO, 1986, p. 45).

Diferente dos partidos de esquerda, o MEMCH estava nas ruas com e pelas mulheres, pelo voto universal, contra a fome e o alcoolismo. Em 1936, manifestaram-se em ato público contra o pacto militar entre o governo do Chile e o dos Estados Unidos. Além das ações públicas, as memchistas abriram escolas para os filhos e para as trabalhadoras, realizaram capacitação profissional, abriram consultórios médicos e jurídicos que atendiam gratuitamente as mulheres e seus filhos.

El MEMCH fue la primera organizacion feminista que utilizo para el logro de sus reivindicaciones la movilizacion masiva de la mujer, realizando innumerables actos públicos, tanto en Santiago como en provincias, donde estaban organizados los comites locales. (MIRO, MORENO, 1986, p. 42)

O MEMCH não estava associado a nenhum partido político, mas apoiou e participou ativamente da Frente Popular, até 1941. O programa de governo frentista contemplava os problemas mais agudos da população (fome, teto, educação, saúde) e tinha uma proposta de ampliar a cidadania a todos os setores.

En este contexto, las mujeres fueron las que con mayor fuerza se integraron alesscenario político y social, vinculando y proyectando sus propias reivindicaciones a las necesidades que aquejaban a la sociedad toda. Un importante contingente se sintió interpretado por el programa del Frente Popular, viendo en este una posibilidad de avanzar en la emancipación integral de la mujer chilena.

Una de las primeras organizaciones que prestó su adhesión al proyecto de formacion del Frente Popular fue el MEMCH, el cual prontamente pasó a integrar la junta provincial del mismo. (MIRO; MORENO, 1986, p. 53)

O cenário após a vitória da Frente Popular foi favorável ao MEMCH “el feminismo es un fenómeno social. Como tal no se origina accidentalmente, tiene sus fundamentos en la realidad misma, emerge de los acontecimientos y posee características y leyes propias”(CAFFARENA, 1945, p. 56) Em 1938, Elena Caffarena, na qualidade de jurista, elaborou uma proposta de Lei que concedia o sufrágio total para as mulheres. A lei não foi aprovada por causa da oposição da direita ao governo frentista e pela morte de Pedro Aguirre Cerda.

Elena Caffarena, Marta Vergara, além de fundadoras e dirigentes do MEMCH, eram militantes do Partido Comunista. Por essa razão enfrentaram forte oposição da Igreja Católica. A encíclica papal de Pío XI, proclamada em março de 1937, rechaçou o conceito de emancipação da mulher:

Em particular, para o comunismo não existe laço algum da mulher com a família e com o lar. De fato, proclamando o princípio da EMANCIPAÇÃO completa da mulher, de tal modo a retira da vida doméstica e do cuidado dos filhos que a atira para a agitação da vida pública e da produção coletiva, na mesma medida que o homem. (ENCÍCLICA PAPAL, PÍO XI, março de 1937)

Uma pluralidade de mulheres se fazia presente no cenário político do Chile entre 1935 e 1941. Enquanto as memchistas, mulheres ligadas à esquerda, lutavam por direito ao voto, ao divórcio, à liberdade sexual, ao aborto, muitas mulheres chilenas pregavam a “ordem” e afirmavam que o “lar” era o lugar natural da mulher.

Que las mujeres de la derecha no lo asumieran, era consecuente con su ideología del Orden. Una vez provistas de la igualdad política y limidas las más ignominiosas diferencias civiles y culturales, el feminismo moral encontró en la derecha su último reducto: las mujeres seguirían siendo las guardianas de la patria, la familia, la propiedad. (KIRKWOOD, 2010, p. 137)

O MEMCH estava presente em todo o território chileno, através dos comitês locais. Na frente desses comitês estavam, em muitos casos, mulheres que trabalhavam em fábricas e não possuíam nível escolar, sendo muitas analfabetas. As causas que moviam o MEMCH eram diversificadas, atraindo, dessa forma, mulheres de todos os setores sociais. O MEMCH, em 1936, realizou uma marcha contra o alto custo de vida no Chile, atraindo assim muitas donas de casa. O nome do movimento representava o desejo de suas fundadoras, emancipação, ruptura com todas as formas de opressão à mulher.

Emancipación era, pues, el término que identificaba lo que debía ser la presencia de la mujer en la lucha por sus propias reivindicaciones. Éste fue el lema de combate del MEMCH, Elena y sus compañeras en la dirección lo acordaron como un signo de lucha permanente convencidas que el feminismo constituía un fenómeno social tan importante como la lucha de clases (MORENO, 1986, p. 18)

O MEMCH realizou ações para conquistar a emancipação econômica, social e jurídica das mulheres. Campanhas contra o alcoolismo, analfabetismo, exigência de soluções para os problemas da prostituição, dos abortos realizados clandestinamente, a luta por igualdade salarial entre homens e mulheres que ocupavam o mesmo cargo, formavam a base do MEMCH. O compromisso da organização ficou explícito quando Elena Caffarena lançou o Manifesto do Movimento pro Emancipação da Mulher Chilena:

Constituye un manifiesto que insta a las congéneres a organizarse y trabajar unitariamente, en torno al movimiento, con miras a su emancipación integral, entendida ésta en las dimensiones: biológica, económica, jurídica y social. La condición de las mujeres es mirada en el contexto de la Revolución Industrial, del fascismo ya instalado y de la guerra en ciernes. En el plano biológico, preocupan los embarazos y partos repetidos de las mujeres obreras; el aborto; la desnutrición y la maternidad como opción voluntaria y consciente. En el aspecto económico: la doble jornada de trabajo de las mujeres; la igualdad de sueldos y el salario mínimo. El derecho de las mujeres a trabajar en diversos rubros, sin exclusiones; la prostitución, el hambre y el abandono. En el ámbito jurídico: la plenitud de derechos civiles y políticos; la igualdad ante la ley de todos los hijos; el divorcio; la investigación de la paternidad y la dictación de un Código del Niño. En lo social: la educación igualitaria y la vivienda digna (La Mujer Nueva, dezembro de 1935, p.2)

De grande importância na história da luta das mulheres, o MEMCH estava presente em todo o país. Em 1940, tinha 42 comitês locais. Através do jornal La Mujer Nueva e de múltiplas reuniões públicas o MEMCH defendeu a proteção da mãe e da criança; que as mulheres poderiam ocupar qualquer cargo remunerado e salários iguais aos dos homens. O movimento também defendeu a democracia e a paz. Levantou a bandeira da legalização do aborto, ou seja, era contra a maternidade forçada, realizava campanhas de divulgação de métodos contraceptivos. Temas como: prostituição, mãe solteira, o divórcio legal sempre estavam nas páginas do jornal La Mujer Nueva. A imprensa tradicional chamava o MEMCH de organização de comunistas que queriam destruir a família, a moral e a pátria.

Em uma sociedade patriarcal em que as mulheres não tinham o direito de possuir bens, com forte influência da Igreja Católica, que destinava o “lar” como lugar da mulher, surgiu o MEMCH uma organização feminista, que exigia a emancipação total da mulher.

O MEMCH produziu o jornal La Mujer Nueva (Boletín de Movimiento pro Emancipación de las Mujeres de Chile), suporte para a difusão das reivindicações feministas tanto de forma textual como gráfica. O jornal teve aproximação com o discurso de esquerda marxista. As mulheres que escreveram no jornal eram feministas provenientes da elite, da classe média, operárias, camponesas, com e sem formação acadêmica. (MONTERO, 2013, p.573)

2. O FEMINISMO NO PERIÓDICO LA MUJER NUEVA

Montero (2010, p.71) apontou que para analisar a participação de mulheres no espaço público e político chileno devemos considerar as classes dos sujeitos sociais. Na década de 1930, as mulheres da elite foram um grupo heterogêneo, contavam com as que defendiam valores tradicionais e com outras que desenvolveram o contra discurso questionando as diferenças estabelecidas culturalmente entre homens e mulheres. No outro extremo da escala social, as mulheres operárias iniciaram sua participação política dentro do movimento operário, mas foram gradualmente adquirindo autonomia firmando o discurso que denunciava não somente a exploração social, como também a exploração às mulheres (MONTERO, 2010, p.72).

Kirkwood (2010, p.92) aponta a década de 1930 como o “tempo da política” para as mulheres chilenas. O período é marcado pelo encontro dos movimentos sufragista e feminista, que proporcionou maior participação das mulheres na política. Os jornais e as revistas registraram as demandas defendidas por grupos de mulheres ativistas. Montero (2014, p.337) nos apresenta uma tabela dos jornais e revistas produzidos por mulheres, que circularam no Chile na década de 1930:

NOME	CIDADE	ANO	PRODUTORAS
Nosotras	Valparaíso	1931-1935	Unión Femenina de Chile
Voz Feminina	Santiago	1932	Partido Femenino Nacional
Política Feminista	Valparaíso	1931-1932	Juventud Liberal Democrática
Acción Femenina	Valparaíso	1934-1939	Partido Civico Femenino
Unión Femenina de Chile	Valparaíso	1934-1935	Unión Femenina de Chile
Lealtad	Santiago	1934-1938	Partido feminino de Alessandrista
La Mujer Nueva	Santiago	1935-1941	MEMCH
Vozes	Santiago	1935	Centro Santa Teresita
Voz Femenina	Santiago	1935	Acción Patriótica de Mujeres de Chile
Camarada	Santiago	1939	Mujeres Socialistas
Trincheira	Valdivia	1939-1940	Juventud Socialista, de la Acción de Mujeres Socialistas

No Chile, jornais produzidos por mulheres se inserem nas mudanças produzidas pela modernização econômica, pela nova conformação do espaço pública e político, nas primeiras décadas do século XX, principalmente no referente à participação das mulheres no espaço público (MONTERO, 2014, p.345).

A exclusão das mulheres do espaço público respondia a marcos ideológicos e culturais que as vinculavam naturalmente ao espaço doméstico, associando as mulheres à ideia de inferioridade intelectual e a falta de ferramentas para desenvolver-se no âmbito cultura (ERRÁZURIZ, 2014, p. 421). O feminismo desqualificou a ideia de natural, defendendo que o espaço público é construído por sujeitos na medida em desenvolvem práticas políticas e sociais. (PEDRO, 2005, p. 90).

La Mujer Nueva inicialmente contava com quatro páginas, em junho de 1938 aumentou para oito e foi dirigido por Marta Vergara em todas suas edições. Publicado inicialmente mensalmente, com o passar dos anos teve uma diminuição de sua periodicidade e no ano 1941 foi publicada apenas uma edição do jornal.

Números de jornais publicados por ano:

1935	1936	1937	1938	1939	1940	1941
2	10	8	2	2	2	1

La Mujer Nueva apresentou editoriais, notícias nacionais e internacionais, críticas literárias, noticiou ações do MEMCH e campanhas contra o fascismo. La Mujer Nueva colocou-se como uma plataforma de formação política e ideológica numa perspectiva feminista. O feminismo entendido como movimento de tomada de consciência das mulheres como coletivo, e a luta contra a opressão, dominação e exploração das mulheres pelos homens respaldados pelo patriarcado²³ (GARCIA, 2011, p. 23).

Produzido por mulheres e para mulheres, o jornal La Mujer Nueva circulou oficialmente apenas em Santiago funcionando em paralelo à grande indústria editorial.

MUJERES

¿Le gusta a Ud. nuestro periódico?

Colabara Subscribase

Véndalo

Haga que sus amigas lo leao. (La Mujer Nueva, outubro de 1936, p.2).

LECTORAS :

No pretendemos que nuestro periódico sea perfecto si Ud. nos ayuda seguramente mejorará. Le agradeceremos cualquier insinuación crítica o colaboració.

²³ O uso do termo “patriarcado” é controverso dentro da própria teoria feminista. Em geral, o patriarcado é entendido como sendo apenas uma das manifestações históricas da dominação masculina. (MIGUEL, 2014, p.18).

Esperamos también con la ayuda moral y económica de todas las mujeres.
(La Mujer Nueva, abril de 1937, p. 4)

La Mujer Nueva representou um bom exemplo para vislumbrar os novos discursos elaborados por mulheres. O MEMCH através do jornal destacou a questão do “problema feminino”, que era a falta de direitos sociais e políticos para as mulheres, mas foi além e adentrou nas questões da sexualidade em um contexto de forte influência da Igreja Católica.

Os problemas sociais, políticos e econômicos, do Chile da década de 1930, eram estampados nas páginas do jornal La Mujer Nueva, considerando seus efeitos nas vidas das mulheres, por exemplo, o jornal denunciava as consequências do alto custo de vida afirmando que o governo chileno não entendia o que significava ser uma mulher pobre.

Quizás llegaría a querer al pobre montocito de carne arrugada y ávida que grita entre brazos, pero no tiene tiempo de intentarlo. La esperan otros chiquillos sucios y un marido sin colocación... hay que lavar ropa y hacer todos los días el milagro de los panes en plena época de decrecimiento... a solas con su miséria arroja el estorbo que le impide mover libremente sus brazos (La Mujer Nueva, março de 1937, p.1)

Os papéis atribuídos às mulheres tradicionalmente são de mães, esposas e filhas sempre sub a tutela masculina. As feministas, do La Mujer Nueva, buscavam a ressignificação dos papéis atribuído às mulheres, desenvolveram práticas e discursos que incluía uma leitura dos problemas sociais e políticos pautados no gênero.

A temática da maternidade esteve muito presente no jornal, que reivindicava uma lei de segurança social específica para mães, descanso pré e pós-natal, direito a amamentar no trabalho. La Mujer Nueva buscou a ressignificação da maternidade, que não foi negada como uma questão da mulher, mas criticaram a maternidade obrigatória, defendendo o aborto como uma necessidade social. Essa visão estava à frente nas ações do movimento feminista internacional que na década de 1930 ainda não tinha ampliado suas demandas por liberdade sexual e autonomia sobre a vida e corpo (PEDRO, 2005, p.85)

A luta pelos direitos das mulheres no Chile foi um processo lento e dificultoso (ERRÁZURIZ, 2013, p. 355). O primeiro obstáculo a ser superado foi a exclusão da vida pública que estava pautada na representação da mulher como um ser emotivo e não racional, natural e não cultural (MONTERO, 2014, p.367).

O Movimento feminista vem travando uma luta no sentido de denunciar os conceitos de “masculino” e “feminino” na sua oposição de “superior” e “inferior”. Esta hierarquização entre masculino- “superior”- e o feminino- “inferior”- é uma construção ideológica e não reflexo da diferenciação biológica. Esta diferenciação não implica desigualdade (ALVES, PITANGUY, 1981, p. 62-63).

O espaço doméstico era a única destinação das mulheres, mas teve resistência. As formas mais organizadas de resistência surgiram entre as mulheres das classes alta e média

(COSTA, SARDENBERG, 2008, p.43). A inserção da mulher como força de trabalho foi como mão de obra barata e desqualificada “a longa história de subordinação foi utilizada para impor-lhe o pagamento de salário inferior e jornada de trabalho excessiva” (COSTA, SARDENBERG, 2008, p.25).

O feminismo difundido em *La Mujer Nueva* via a emancipação econômica da mulher como vital, pois libertaria a mulher da tutela masculina. A luta por salários iguais entre homens e mulheres movimentou o MEMCH, as feministas periodistas do *La Mujer Nueva* difundiam a ideia de trabalho igual, salário igual.

La mujer proletaria, además de todas las obligaciones que el hogar le impone, se ve, impelida por la miséria, a trabajar en las fábricas como máquina humana que ha de producir ganancias al capitalista, quien no omite acasión para sacar de ella el mayor provecho posible.

Burlando la jornada de 8 horas, el patrón obliga a las obreras a trabajar, haciendo producir lo que normalmente pueden producir en 12 o más horas de trabajo. La mujer recibe por este trabajo abrumador un salario inferior al de su compañero que produce la misma cantidad. (*La Mujer Nueva*, fevereiro de 1936, p. 1).

Na busca pela emancipação das mulheres chilenas o jornal *La Mujer Nueva* utilizava uma retórica de esquerda utilizando conceitos como: capital, classe, exploração e outros, “¿cual es remedio para terminará con la EXPLOTACIÓN? La unidad de todas todas nosotras”(La *Mujer Nueva*, junho de 1936, p.3).

O jornal *La Mujer Nueva* carregava até mesmo no nome a desconstrução do naturalismo da essência das coisas, que determinava “homem” e “mulher” em signos de identidade fixa e invariáveis, “através de uma formação discursiva que, deliberadamente, confunde natureza e significação, para nos fazer crer que a “biologia é o destino”.” (RICHARD, 2002, p.143).

O feminismo é teoria do discurso, por que é tomada de consciência do caráter discursivo, ou seja, histórico- político do que chamamos de realidade, de seu caráter de construção e produto e, ao mesmo tempo, uma tentativa consciente de participar no jogo político e no debate epistemológico, para determinar uma formação nas estruturas sociais e culturais da sociedade. (COLAIZZI, 1992, p.113).

O feminismo latino-americano, segundo RICHARD (2002), esteve mais comprometido com a mobilização social, pois enxergou que a desigualdade entre homens e mulheres era reforçada nas condições históricas e sociais de exploração, miséria e opressão. Sendo necessário para o fim do patriarcado “mais ações que discurso, mais compromisso político do que suspeita filosófica; mais denúncia testemunhante que arabesco desconstrutivos” (RICHARD, 2002, p.145).

Porém o feminismo vivenciado no MEMCH e nas páginas do La Mujer Nueva unia teoria e prática. O MEMCH realizou oficinas, congressos, cursos para pensar as causas da subordinação das mulheres e traçaram planos de ações políticas e sociais para por fim ao patriarcado.

Na década de 1930 ocorreu a conformação do feminismo no Chile (KIRKWOOD, 2010, p.67) e o MEMCH foi porta- bandeira desse processo. As mulheres chilenas foram pela primeira vez às ruas como coletivo exigindo o fim da ditadura de Ibáñez, em 1934 conquistaram direito ao voto nas eleições municipais. Em 1933, o Partido Socialista criou um Comitê Nacional pro Direito das Mulheres Chilenas. Em 1935, Elena Caffarena organizou o 1º Congresso da Mulher Chilena e liderou a fundação do MEMCH “que tiene por objetivo la emancipación económica, social y jurídica de las mujeres”(La Mujer Nueva, 1935, p.2). Em 1936, as feministas (de distintos segmentos) organizaram e realizaram uma marcha contra o alto custo de vida. Em 1937, as mulheres conquistaram o direito ao salário mínimo (BACIGALUPO, 2010, p.468) e as feministas do La Mujer Nueva participaram ativamente da vitória da Frente Popular em 1938. Nas primeiras décadas do século XX, o Chile vivenciou ações de grupos de mulheres: as feministas da classe média; feministas operárias e mulheres ligadas à Igreja Católica (MONTERO, 2013, p. 487), os três grupos eram opostos em muitos pontos como aborto, divórcio, mas defendiam a ideia de direitos iguais entre homens e mulheres.

Se trata de un discurso feminista variado, com distintos registros, que va desde las sufragistas que luchan por los derechos políticos y civiles de la mujer (feminismo mesocrático, feminismo laico o feminismo a secas), hasta un feminismo católico que propicia obras de acción social con ánimo progressista y un feminismo de elite, que se concentra en al conocimiento, la cultura y la vida espiritual (feminismo aristocrático). (SUBERCASEAUX, 2001, p. 16-17).

La Mujer Nueva, em linhas gerais, defendia a necessidade das mulheres desenvolverem uma consciência sobre sua condição e convocava as mulheres a agir, pois “la liberación de la mujer será obra de la mujer” (La Mujer Nueva, 1936, p.3)

Os núcleos de debate e formação do feminismo vivenciado pelas autoras do La Mujer Nueva eram os comitês do MEMCH, que estavam presente em todo o Chile (MONTERO, 2013, p.389). O jornal La Mujer Nueva foi a principal ferramenta de contato do MEMCH

com as mulheres chilenas²⁴. O jornal promoveu a visibilidade política ao coletivo de mulheres feministas.

2.1 MULHERES QUE ESCREVERAM O LA MUJER NUEVA

“Hemos tratados de obtener nuestro derechos por todos los caminos, hemos sido demasiado señoras hasta ahora... podrían permitir que se nos mate, pero otras se levantarán a ocupar nuestros puestos”. (CAFFARENA, 1952, p. 32)

A produção do La Mujer Nueva era feita pelas memchistas, mulheres de diferentes classes sociais, intelectuais, profissionais de diversas áreas, operárias, empregadas domésticas, sindicalistas, advogadas, médicas, escritoras, donas de casa, que lutaram pela emancipação das mulheres chilenas.



(Imagem extraída do portal memória chilena)

Na imagem acima estão as fundadoras do MEMCH, através de suas vestimentas podemos perceber a diversidade de suas classes sociais. . Caffarena relatou a variedades de mulheres que escreveram o La Mujer Nueva:

²⁴ Apesar de circular oficialmente somente em Santiago, há informações que edições do jornal eram enviadas mensalmente a todos os comitês do MEMCH e eram lidas por memchistas em espaços públicos (KIRKWOOD, 2010, p.110).

Se llejó a las mujeres de todas las clases sociales y de todos los niveles económico. Teníamos universitarias, empleadas, obreras, campesinas, empleadas domésticas, profesionales, dueñas de casa y a todas nos unía una cosa en común: luchar por la emancipación de la mujer, económica, social y jurídica. (CAFFARENA, 1945, p.53).

O jornal *La Mujer Nueva* foi produzido por várias mulheres de classes sociais distintas, mas que buscaram igualmente a emancipação das chilenas. Marta Vergara e Delie Rouge escreveram para o jornal e fizeram parte de um importante campo que é os das literárias feministas chilenas. Eulogia Román operária e sindicalista escreveu suas vivencias nas páginas do jornal. Elena Caffarena é considerada a principal feminista chilena do século XX.

2.1.1 ELENA CAFFARENA

Elena Caffarena foi presidente do MEMCH de 1931 a 1941. Sendo considerada uma das pessoas pública mais importante do século XX. Atuou principalmente na defesa da classe operária e na emancipação da mulher. Filha de imigrantes italianos nasceu em Iquique, 23 de março de 1903. Migrou para Santiago na década de 1920 para dar continuidade aos estudos. Participou da fundação e dirigiu a *Asociación de Mujeres Universitarias*, em 1931. Foi membro também da Federação de Instituição Feminina (FECHIF) principal órgão na luta da conquista do voto municipal para as mulheres chilenas. Kirkwood (2010, p. 75) coloca Caffarena como a feminista mais importante do século XX, no Chile.

Em 1938, já no governo do Radical Pedro Aguirre Cerda, Caffarena escreveu um projeto de lei que garantia o sufrágio total às mulheres chilenas, mas esse projeto de lei não foi aprovado. Em 1949, Caffarena teve seus direitos civis caçados sob a acusação de ser comunista.

Caffarena acreditava na emancipação das mulheres por dois meios: acesso à educação e independência econômica. Atuando fortemente no quesito educação, ministrava cursos para as memchistas de classe baixa, como presidenta do MEMCH organizou grandes congressos com os seguintes objetivos:

[...] primero dar cuenta de los que se había hecho. Enseguida analizar y pensar las campañas futuras. Pero, sobre todo, el objetivo era capacitar a las mujeres, educarlas respecto a sus limitaciones y respecto a su situación. Antes de cada congreso el MEMCH organizaba cursillos de capacitación em los que se trataban todos los problemas de la mujer. El MEMCH fue una gran escuela de civismo. (CAFFARENA, 1945, p.51)

As matérias escritas por Caffarena no *La Mujer Nueva* tinham como principal eixo as questões jurídicas das mulheres e dos operários. Caffarena atuou como advogada por décadas.

Elena Caffarena fue una mujer que durante su longeva vida luchó con éxito por los derechos de todos aquellos que vivían bajo la injusticia. Escritos como El recurso de amparo frente a regímenes de emergencia y ¿Debe el marido alimentar a la mujer que vive fuera del hogar conyugal?, le valieron, en 1947, el premio Manuel Egidio Ballesteros, de la Facultad de Derecho de la Universidad de Chile. Aunque luchó toda su vida por remediar todo tipo de injusticia, murió a los cien años de edad sin que se le rindiera ningún homenaje. (Feminismo en el siglo XX, Elena Caffarena (1903-2003). Memoria Chilena, Santiago, 20 de out. 2018. Disponible em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-100606.html>. Acceso em 07 de jan. de 2019.)

2.1.2 DELIE ROUGE

A escritora chilena Delie Rojas Garcés de White, usava o pseudônimo de Delie Rouge, assinou vários artigos, no jornal La Mujer Nueva, tratando dos problemas sociais das mulheres chilenas. Um dos seus primeiros artigos foi “Relación que existe entre el divorcio y la educación de la mujer”. Por sua posição feminista, favorável à aprovação da Lei do divórcio e do aborto, Rouge foi duramente atacada pela grande imprensa chilena, que a colocava como inimiga da família e da pátria (CAFFARENA, 1945, p.41). Rouge continuou escrevendo mesmo com as críticas: “soy mujer, tropiezo con el primer inconveniente para hacerlo editar, pero no me acobardo, soy muy porfiada, haré editar mi folleto” (ROUGE, 1936, p.51).

Além da luta pelos direitos das mulheres, Rouges foi dedicada à causa pacifista e ganhou o título “Benemérito da Paz” sendo homenageada por isso pelo MEMCH:

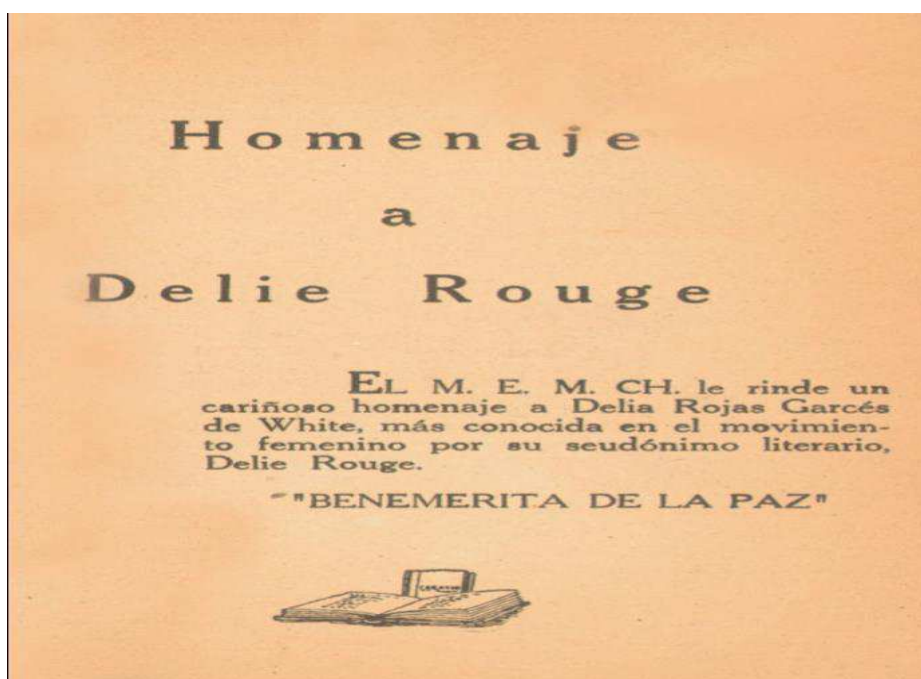


Figura extraída do portal memoria chilena

Ao lado de Marta Vergara, Delie Rouge representa um forte segmento no Chile do século XX: as escritoras feministas. A literatura foi um dos primeiros espaços de participação cultural das mulheres chilenas (KOTTOW, 2013, p.4). Sobre Rouge, Vergara escreveu: “Nuestras discusiones se limitaban a la poesía; en política estábamos de acuerdo. Al contrario de lo que hoy sucede, en esos años del 20 no eran tantas las mujeres del segundo tema y muchas las afectas del primero.” (VERGARA, 1962, p. 41).

2.1.3 EULOGIA ROMÁN

O primeiro artigo da primeira edição do jornal *La Mujer Nueva* foi de Eulogia Román, feminista, operária, membro do PCCh, sindicalista. Román escreveu no jornal sobre as condições de trabalho das operárias chilenas, realidade a qual pertencia. Foi quem abriu as portas dos sindicatos para as memchistas trabalharem com as operárias. (CAFFARENA, 1945, p.41)

Las memchistas en general compartían dos ideologías progresistas: una perspectiva feminista, que veía a la mujer como merecedora de ser ciudadana activa en todos los aspectos de la vida, desde una base de igualdad con los hombres, y una visión política izquierdista (HUTCHISON, 1994, p.293).

Outras duas operárias escreveram no *La Mujer Nueva*: Olga Poblete e Clara Williams Yunge, ambas sindicalistas filiadas ao PCCh.

2.1.4 MARTA VERGARA

Escritora de prestígio, militante do PCCh, diretora geral do *La Mujer Nueva*. Vergara foi uma das criadoras do MEMCH, foi quem redigiu o programa do movimento. Apesar de ser filiada ao PCCh, realizou críticas ao mesmo por não ter um programa voltado para as mulheres. Vergara enxergava o MEMCH e o *La Mujer Nueva* como plataforma de formação:

En una u otra forma (ya) la mujer se va de la casa. Ahora bien nosotras queríamos que la salida, tanto de la trabajadora como de la exenta de necesidades, sirviera para conectarlas con la sociedad y sus problemas. Queríamos que la primera mejorara sus condiciones de trabajo gracias a su propio esfuerzo y que la segunda abandonara la frivolidad y la caridad. El MEMCH aspiraba a formar mujeres profundamente serias. (VERGARA, 1962, p.

Vergara possuía muito conhecimento teórico sobre o movimento feminista, foi responsável por dar formação às memchistas. Sobre isso Caffarena recordou:

Mire, yo creo que a mí me influyó mucho la gran feminista chilena- que permanece desconocida- Marta Vergara. Ella había estudiado, en cambio nosotras, éramos feministas por instinto, pero la teoría feminista no la

conocíamos y Marta Vergara nos la enseñó. Ella influyó mucho en el tono feminista que tenía el MEMCH. (CAFFARENA, 1945, p.34)

Assim como Vergara, Flora Heridia, professora universitária filiada ao Partido Socialista do Chile (PSCh), escreveu artigos no *La Mujer Nueva* e realizava cursos de alfabetização para mulheres.

2.2 FEMINISMO E CATEGORIAS DE ANÁLISES

O feminismo tem sido estudado dividido em três momentos chamados de “ondas”, cada um deles marcado por demandas e categorias de análises distintas. A primeira “onda” teve início nas últimas décadas do século XIX, relacionada à luta de coletivos de mulheres por direitos políticos, sociais e econômicos (PEDRO, 2005, p.80). Um coletivo de mulheres inglesas se organizou para lutar pelo direito ao voto, as sufragistas, como ficaram conhecidas, realizaram manifestações, foram presas, realizaram greve de fome na busca por seus direitos. No Reino Unido, em 1918, as mulheres conquistaram direito ao voto.

Na primeira “onda” o movimento feminista avançou ao conquistar direito ao ensino, ao trabalho remunerado, à propriedade, ao divórcio. A virada do século XIX para o XX foi marcada pela saída de coletivos de mulheres às ruas na busca por emancipação (MIGUEL, BIROLI, 2014, p.19).

Durante a primeira “onda”, a elaboração da categoria de análise *Mulher* reivindicou uma identidade em contraposição ao “homem universal”. A noção estabelecida era de que ao falar de homem²⁵ as mulheres estariam sendo, igualmente, contempladas, o que não era realidade.

A segunda “onda” do feminismo tem início depois da Segunda Grande Guerra, quando o movimento ampliou suas demandas na busca por liberdade sexual e igualdade entre homens e mulheres em todas as esferas (PEDRO, 2005, p. 85). Esta “onda” é considerada libertária, pois defendeu novas formas de relacionamentos entre homens e mulheres, reivindicando que as mulheres tivessem autonomia sobre sua vida e corpo.

A partir da década de 60, o feminismo incorpora, portanto, outras frentes de luta, pois, além das reivindicações voltadas para a desigualdade no exercício de direitos - políticos, trabalhistas, civis -, questiona também as raízes culturais desta desigualdade. Denuncia desta forma a mística de um “eterno feminino”, ou seja, a crença na inferioridade “natural” da mulher, calcada em fatores biológicos. Questiona assim a ideia de que homens e mulheres estariam predeterminados, por sua própria natureza, a cumprir papéis

²⁵ Não eram todos os homens, a universalização era do homem branco ocidental (PEDRO, SOIHET, 2007, p.289).

opostos na sociedade: ao homem, o mundo externo; à mulher, por sua função procriadora, o mundo interno. Essa diferenciação de papéis na verdade mascara uma hierarquia, que delega ao homem a posição de mando. (ALVES, PITANGUY, 1981, p. 54-55)

Na segunda “onda”, o feminismo defendeu com mais força o direito ao próprio corpo, afirmava que o “privado é público”, pautava-se na defesa do “direito de ter filho quando e se quiser” (PEDRO, 2005, p.75 e 78). Os métodos contraceptivos são largamente difundidos pelas feministas. Na ideia do prazer pelo prazer, o feminismo adentrou os campos da sexualidade e da saúde pública (KIRKWOOD, 2010, p. 79).

Ocorreu uma radicalização do discurso e prática feminista durante a segunda onda. Afirmava-se, principalmente nos Estados Unidos, que as questões das mulheres tinham que ser resolvidas exclusivamente por mulheres.

O movimento feminista trouxe ainda uma nova tática de luta, surgida da própria especificidade do movimento de mulheres. São os chamados “grupos de reflexão” ou de “autoconsciência”, grupos pequenos e informais constituídos unicamente por mulheres. Esta tática desenvolveu-se espontaneamente. Surgiu pela necessidade de se romper o isolamento em que vive a maior parte das mulheres nas sociedades ocidentais, nuclearizadas em suas tarefas domésticas, em suas experiências individuais vividas solitariamente. A mulher constituiu assim um espaço próprio para expressar-se através de sua voz e da voz de suas companheiras, para descobrir sua identidade e conhecer-se. A descoberta dessa experiência comum, a transformação do *individual* em *coletivo*, forma a base do movimento feminista. Partilhando com outras suas vivências, a mulher reconhece a sua força e conscientiza-se a dimensão política de sua vida particular (ALVES, PITANGUY, 1981, p. 66-67).

A categoria *Mulher* foi questionada dentro do próprio movimento feminista, pois não salientava as diferentes mulheres. *Mulher* representou uma identidade única a todas as mulheres, o que não correspondia à realidade.

A terceira “onda” do feminismo surge em 1990 e estende-se até os dias atuais (PEDRO, 2005, p.88). Esse período é marcado pela maior divisão dentro do movimento. As demandas não são diferentes das da segunda “onda”. O movimento continuou produzindo suas próprias reflexões críticas e teorias. No feminismo a militância e teoria misturam-se. A militância produz teoria e a teoria produz militância. “Como corrente intelectual, o feminismo, em suas várias vertentes, combina a militância pela igualdade de gênero com a investigação relativa às causas e aos mecanismos de reprodução da dominação masculina.” (MIGUEL, BIROLI, 2014, p. 17).

A categoria de análise *Mulheres* foi elaborada na terceira “onda” para comportar todas as diferentes mulheres. Negras, operárias, índias, pobres não se sentiam representadas pelas demandas do movimento feminista, pois essas demandas originavam-se das necessidades de mulheres pertencentes às elites ou de classe média alta, “reivindicando uma ‘diferença’ dentro

da ‘diferença’, pois a categoria *Mulher*, que constituía uma identidade diferente da de homem, não era suficiente para explicá-las” (SOIHET, PEDRO, 2007, p.287). Na prática a categoria de análise *Mulheres* gerou o empoderamento de coletivos de mulheres que antes estavam invisíveis.

As feministas dos anos 1980 foram buscar na gramática o termo gênero. A categoria de análise *Gênero* foi desenvolvida na terceira “onda”. No texto *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, Joan Scott (1990) definiu que gênero é constituído pelas relações sociais.

Ocorreu a diferenciação do sexo (biológico) e gênero (social). Para Scott (1990), a categoria *Gênero* funda a epistemologia feminista, pois libera mulheres e homens da naturalização das relações patriarcais. Já Joana Pedro (2005) afirmou que a categoria *Gênero* integra-se à terminologia científica das ciências sociais e, por consequência, dissocia-se da política (pretensamente escandalosa) do feminismo. Nesse uso, o termo *Gênero* não implica necessariamente uma tomada de posição sobre a desigualdade, nem designa a parte lesada.

Butler questionou se “ser mulher constituiria um ‘fato natural’ ou uma performance cultura?” (BUTLER, 2005, p.9). As teorias feministas, através das elaborações das categorias de análises, tentaram resolver as questões da identidade primária para dar continuidade à tarefa política. Mas o feminismo vivenciado no MEMCH estava mais voltado para as questões sociais e apresentar soluções para os problemas práticos das mulheres chilenas. Como já citado anteriormente, Caffarena afirmou que as memchistas eram “feministas por instinto, pero la teoría feminista no la conocíamos” (CAFFARENA, 1945, p. 34).

Os movimentos feministas mais diretamente vinculados ao ativismo social tendem a desconfiar da teoria, a considerá-la suspeita de reproduzir as condições de desigualdade opressiva, ligadas a uma “divisão do trabalho” que opõe o pensar ao fazer, a abstração dos livros à concreção da vida material, a especulação mental ao contato físico com a realidade diária, a classe média intelectual ao mundo popular. Muitas feministas ainda acreditam que a intelectualização do discurso leva as mulheres a cair na armadilha falocrática, que vincula o poder-da-razão à razão-como-poder. (RICHARD, 2002, p.142)

A valorização da experiência pelas memchistas criou um maior vínculo com a realidade das mulheres chilenas e suas problemáticas sociais.

“contexto” e “experiência” designam, neste caso, o modo contingente e situacional através do qual as feministas latino-americanas produzem teoria. Porém esta defesa (teórico-política) da “experiência” tem pouco a ver com o uso pré-crítico que frequentemente lhe deram as tendências predominantes do feminismo latino-americano, que dotam essa noção de um valor pré-discursivo ou extra-discursivo; um valor que parece designar uma realidade sempre anterior ou exterior à mediação categorial, como fonte de conhecimento vivenciado a partir da natureza (corpo) ou a partir da biologia (vida): um conhecimento direto, i-mediato. (RICHARD, 2002, p.142)

O feminismo na América Latina expressou insatisfações individuais e coletivas das mulheres com os lugares sociais que lhes era atribuído denunciando assim o sistema patriarcal e exigindo o fim da sua subordinação. (MONTERO, 2013, p. 397). Observa-se que o correto seria tratarmos de feminismos, pois o movimento é múltiplo na medida em que se associou a diversos discursos gerando feminismos: socialista utópico, demandas do operariado, as questões étnico-raciais relacionadas aos negros, socialismo, comunismo, anarquismo entre outros (MIRANDA, 2010, p.40).

Conhecer as categorias de análises desenvolvidas pelo movimento feminista é entender o exercício do movimento de repensar, pensar e elaborar significado de ser mulher. A busca e o questionamento das identidades para as mulheres são centrais no feminismo.

3. DEMANDAS DO LA MUJER NUEVA

O jornal *La Mujer Nueva* reclamou igualdade entre homens e mulheres e criticou o patriarcado por ser excludente e hierárquico, constituindo-se num objeto privilegiado para vislumbramos o desenvolvimento do feminismo chileno. Neste capítulo iremos analisar as demandas apresentadas pelas memchistas, através das páginas do jornal *La Mujer Nueva*, essas feministas utilizaram a instabilidade política, econômica e social do Chile, década de 1930, para inserir-se na política e conquistar direitos.

La Mujer Nueva trouxe no nome o anseio das memchistas de colocar em cheque o lugar social atribuído às mulheres na sociedade chilena e, nesse sentido, incentivar meios de luta. Nessa perspectiva, aos questionamentos sobre o papel de gênero atribuído às mulheres mesclaram-se às análises sobre os problemas sociais, políticos, jurídicos, biológicos vividos pelas mulheres, mas que afetavam de forma mais ampla a sociedade chilena.

Das vinte e sete edições do jornal, a preocupação com prostituição das mulheres apareceu como tema em nove. Mãe, esposa, filha, a prostituição representa o rompimento de um trato social; as prostitutas transgrediam a “ordem” (Lei e Religião). Sociedades patriarcais têm as funções das mulheres traçadas e naturalizadas, “virtuosa cuando era jovencita, honorable cuando era prometida, leal cuando esposa y amorosa cuando era madre” (CANDINA, 2013, p. 244). Mas, no Chile do início do século XX, eram pouquíssimos os que podiam cumprir o ideal burguês e católico de uma família nuclear com pai e mãe casados e filhos que cresciam em um lar estável. (CANDINA, 2013, p. 245).

Ocorreu na prática o aumento de famílias chefiadas por mulheres, mães solteiras, que tinham poucas chances e opções de trabalho. Eram basicamente três os campos de trabalho para as mulheres sem ensino superior: operárias, empregadas domésticas e prostitutas.

Durante gran parte del siglo XX, las prostitutas siguieron siendo lo que habían sido en épocas anteriores: mujeres marginadas y despreciadas, pero consideradas lamentablemente necesarias para canalizar la supuestamente incontrolable energía sexual masculina. Fueron también una de las pruebas de la dureza de la vida de muchas mujeres pobres, que encontraron allí una de las pocas alternativas a la pobreza solemne, por estigmatizadas que esta fuera. (CANDINA, 2013, p.278).

O La Mujer Nueva denunciava a hipocrisia da sociedade chilena, que discriminava as mulheres que praticavam a prostituição. Alertando para a falta de oportunidade de emprego, de educação, a ausência do Estado na vida das mulheres pobres.

La sociedad actual, que dice luchar contra la prostitución contra la pornografía contra la corrupción no hace sino afirmar y ayudar al aumento de todos los males por los que pretende luchar...

Sin mejorar los salarios femininos, sin proteger a la madre soltera, sin que exista el divorcio con disolución de vínculo, sin una educación sexual científica y sin falsa moral, sin terminar con el complejo de inferioridade que esta sociedad ha inculcado a las mujeres será imposible terminar con la prostitución (Dr^a Mónica, La Prostitucion , 8 de dezembro de 1935, nº2, p. 4).

Trabalhar como empregada doméstica era outro caminho para as mulheres. A atividade de doméstica é um dos trabalhos mais antigos e tradicionais que as mulheres pobres desempenham. As empregadas não sofriam os preconceitos que as prostitutas sofriam. Em uma sociedade, com forte influência da Igreja Católica como a chilena, ser empregada doméstica e não prostituta representava ser pobre, mas não “pecadora” (CANTIDA, 2013, p.280).

Não existia uma legislação para as empregadas domésticas no Chile, elas representavam uma mão de obra barata, praticamente gratuita, realizavam o trabalho de limpar, cozinhar, cuidar das crianças, muitas vezes dormiam na casa dos patrões. No jornal *La Mujer Nueva* foram recorrentes as denúncias às péssimas condições de trabalho das empregadas domésticas.

Entre las mujeres que trabajan existe un sector cuya explotación y condiciones de trabajo es increíble: la empleada doméstica.

Ella debe trabajar desde las 6 o 7 de la mañana hasta altas horas de la noche sin ningún descanso. Para ella no se ha fijado horario, ni se han determinado tareas, generalmente tiene que desempeñar todos los trabajos en la casa de los patrones: cocina, aseo de salas, dormitorios, comedores, atención de los niños, del telefono etc, etc. Sus funciones no estan limitadas y asi vemos que muchas veces tiene que realizar el papel de enfermeira o niñera, sin que pueda reclamar descanso.

Está ella ahí para “todo servicio” por un sueldo que no puede representar jamás el valor de su trabajo. (La Mujer Nueva, E.ROMÁN, LA EMPLEADA DOMESTICA, dezembro 1935, p. 1).

A mulher pobre chilena acumulava duas funções, além das obrigações que a casa lhe impunha, ainda necessitava trabalhar nas fábricas como máquinas. A jornada de oito horas era desrespeitada pelos patrões e as mulheres chegavam a ficar mais de doze horas trabalhando. Além disso, recebiam salários baixíssimos, muito inferiores ao dos homens pelo mesmo ofício. Contra tal situação reiteravam bandeiras do MEMCH, tais como a defesa do salário-mínimo, a unidade organizacional, a igualdade dos salários entre homens e mulheres. (La Mujer Nueva, setembro 1937, p.8). O feminismo defendeu condições de trabalho dignas para as mulheres, buscando a independência econômica que seria um importante passo para o fim da subordinação da mulher.

Sin lugar a duda el punto más importante del programa de Movimiento Pro Emancipación de las Mujeres de Chile es el que se refiere a la emancipación económica de la mujer, entendiendo por tal conquista el derecho a tener asegurado el mínimo que todo ser humano necesita para subsistir, es decir, el pan, el techo y el abrigo. (La Mujer Nueva, dezembro de 1935, p.2).

Poucas eram as leis de proteção trabalhista para mulheres. Salário igual entre homens e mulheres foi uma das principais lutas das feministas chilenas na década de 1930:

Veamos: un mecánico de una máquina empaquetadora de cigarrillo ganar \$ 15 – ó \$17 – diarios, una mujer que realice al mismo trabajo recibi \$7 – u \$8. Con exceso de trabajo y el miserable salario que recibi, la mujer, que generalmente empieza a trabajar con 14 años muere más o menos a los 25 años agostada por la tuberculosis. (La Mujer Nueva, novembro de 1935, p.1)

A divisão sexual do trabalho é dimensões importantes da desigualdade de gênero (BIROLI, 2014, p.59). A dupla jornada de trabalho (remunerado e não remunerado) era comum para as mulheres pobres chilenas. Na luta por direitos trabalhistas para as mulheres, as memchistas associaram-se às lutas sindicais.

Para las mujeres, el sindicato y la política son dos ideas contunamente unidas en el espíritu. Hay más mujeres que hombres en los sindicatos, más no así en los directorios. Las mujeres representan pues el 51,10% de sindicalizados y los hombres sólo el 48,90%. (La Mujer Nueva, julho de 1936, p.4).

A igualdade é a reivindicação básica de qualquer movimento que fala em nome de grupos oprimidos. E o MEMCH tinha como bandeira a igualdade e a emancipação das chilenas. As mulheres estavam legalmente subordinadas aos homens (pai, marido) no Chile. Uma mulher casada, por exemplo, não poderia trabalhar sem a autorização do marido, nem administrar seus bens, não tinham direitos sobre os filhos (MONTERO, 2013, p. 349). As feministas enxergavam o lugar de inferioridade em que as mulheres foram colocadas e convocavam as mulheres para uma revolução.

Indicamos que el camino era el trabajo inmediato en campo femenino; el llamado a las mujeres a luchar por sus reivindicaciones, el despertar en ellas la clara conciencia de su inferior situación social, económica, jurídica y política, señalando al mismo tiempo sus causales y causantes. (La Mujer Nueva, junho de 1936, p.5).

O *La Mujer Nueva* questionou as hierarquias, as construções naturalizadas de “homem” e “mulher”, sempre associando o discurso à prática social.

Si los discursos sociales están cubiertos por su entorno, es decir, por la condiciones de posibilidad que le dan sentido, a la vez dan cuenta de los procesos significantes de la sociedad, entonces, la relación del discurso feminista con los otros discursos sociales muestran cómo se construyó el feminismo en Chile en los años 30. Esta construcción se dio, por una parte, a partir de elementos que eran significativos para las mujeres en su relación con el conjunto de la sociedad, surgidos del análisis de género que cuestiona la condición de subordinación de las mujeres, y que le hace sentido al propio colectivo feminista. Y por otra con los elementos que forman parte de otros discursos sociales, con lo que se relaciona de distinta forma: acuerdo, desacuerdo, reacción, entre otros. Dependiendo del tipo de elemento que

recoja y la relación que establezca con él, el discurso feminista adquirió ciertas características. (MONTERO, 2010, p.243)

O jornal La Mujer Nueva foi produzido em um período em que o Chile vivenciou uma forte migração do campo para a cidade (AGGIO, 1999, p.87). As cidades não tinham infraestruturas para os novos habitantes que resultou em altos índices de alcoolismo, pobreza, falta de saneamento, analfabetismo, prostituição. O MEMCH realizou ações para solucionar esses problemas sociais que afetavam as vidas das mulheres chilenas.

As estruturas familiares passavam por mudanças, as mulheres, mães solteiras passam a chefiar famílias. Mas a lei não contemplava essa mudança. Prova disso era que não havia uma lei do divórcio, nem o Estado, nem a Igreja concediam. Na prática só existia a separação dos corpos. O censo de 1930 calculou o número de solteiros casados e viúvos, não citando os separados. Com a ausência do Estado no processo de separação, as mulheres eram as grandes prejudicadas, pois geralmente perdiam suas casas e ficavam mal vistas pela sociedade.

El discurso de la normalización de las familias se plasmó en el Código Civil, donde se establecieron los derechos y deberes de los cónyuges en el matrimonio. En él se definió a las mujeres a partir de la sumisión al marido y se las incapacitó legalmente para resolver asuntos de carácter civil y económico. Por ejemplo, según la ley, era el marido quien definía el lugar de residencia de la pareja, y la mujer estaba obligada a aceptar lo que él dispusiera, cuestión que no era recíproca, porque él no se veía obligado a lo mismo. De la misma forma, el marido tenía poder total sobre los bienes de la mujer, incluso los adquiridos por ella en soltería; si bien se establecía separación de bienes, sólo la viudez le devolvía la capacidad de administrar su propios bienes. (MONTERO, 2010, p.206)

A construção da vida familiar é originalmente ligada à reprodução das desigualdades de gênero, pois corresponde a arranjos que favorecem a reprodução da pobreza, da exploração e da marginalização das mulheres (BIROLI, 2014, p.49). As chilenas estavam legalmente vulneráveis dentro do casamento, daí a divulgação sistemáticas de suas reivindicações:

- a) Por el reconocimiento amplio de sus derechos políticos.
- b) Por la empliación de los derechos civiles, particularmente en lo que se refiere a las causales para separación de bienes.
- c) Por la facultad de cambiar, de común acuerdo el regimen matrimonial y liberar a la mujer del peso de la prueba para acreditar el origen de los bienes adquiridos con su trabajo personal.
- d) Por el divórcio con disolución de vinculo. (La Mujer Nueva, 21 de Maio de 1935, p. 5.).

O Chile, no início do século XX, possuía uma sociedade enferma, com altas taxas de mortalidade adulta e infantil, que no momento era a maior do mundo (MIRANDA, 2010, p.156). As memchistas denunciavam que a mortalidade atingia principalmente a população mais pobre, que estava desassistida pelo governo de Alessadri e vivia em péssimas condições de moradia e nutrição

Según la última sinopsis de la Dirección General de Estadística, en 1932, fallecieron 235 menores de un año por cada mil niños nacidos vivos.

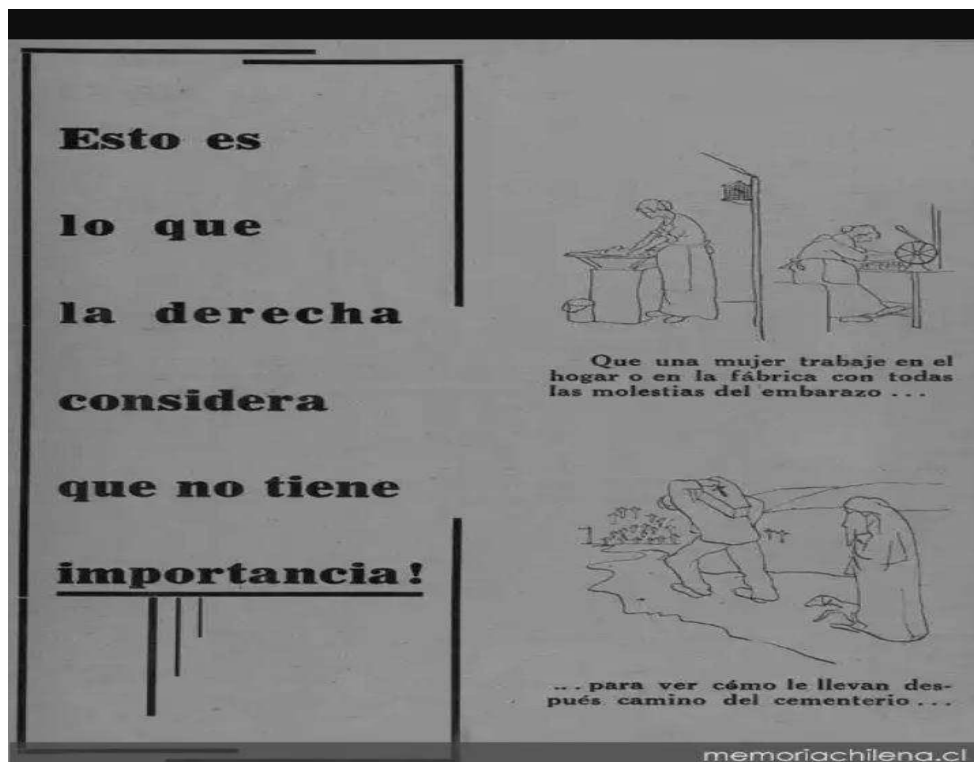
Es muy interesante conocer las principales causas que motivaron estos fallecimientos y la proporción que ellas tuvieron entre cada mil niños:

DIARRENS Y ENTERITIS.....	41.7
DEBILIDAD CONGENITA (o sea por haber nacido raquíptico y sin defesa).....	33.0
BRONCO-NEUMONIA.....	30.4
MINIGITIS.....	26.4
SIN CAUSAS DETERMINADA.....	18.4
NEUMONIA.....	13.9
ENFERMEDADES VARIAS.....	13.8
GRIPPE.....	13.4
NACIMIENTO PREMATURO	8.3
SIFILIS	6.8
COQUELICHE	6.6
CONSECUENCIAS DEL PARTO.....	3.1

El nivel extraordinariamente alto de mortalidad por debilidad congénita y vicios de conformación demuestra que la alimentación y cuidado de la mujer embarazada es deficiente y que así hoy por hoy nuestro primer deber es proteger a la madre trabajadora, a la madre del pueblo chileno (La Mujer Nueva, abril de 1936, p.1).

Os problemas econômicos, pelos quais o Chile passou na década de 1930, afetaram fortemente a vida das mulheres. O alto custo de vida atingiu particularmente as mulheres pobres, que organizadas pelo MEMCH pressionaram o governo “queremos pan barato y sano, queremos alimentos para nuestros hijos, viviendas higiénicas para las familias modestas, desayuno escolar y ropa para los niños proletários” (La Mujer Nueva, junho de 1936, Santiago, p. 3).

O governo de Alessandri (1932-1938) foi criticado inúmeras vezes no La Mujer Nueva pela violência aos setores populares, pela falta de políticas sociais, pelo alto custo de vida, pela falta de emprego e principalmente pelas péssimas condições em viviam as mulheres pobres.



(LA MUJER NUEVA, julho de 1937, p.3).

A maternidade foi tema em quase todas as edições do jornal *La Mujer Nueva*. O jornal estampou em suas páginas o descumprimento da Lei de descanso pré e pós-natal²⁶ pelos donos de fábricas, denunciou inúmeras vezes as péssimas condições em que as operárias exerciam a maternidade.

El patrón está obligado a proporcionar a la mujer embarazada dos semanas de permiso antes de dar a luz y dos semanas después, con salario íntegro; pero el patrón, apenas advierte en su fábrica una obrera en tal estado, la lanza a la calle sin mayores explicaciones, derivándose de este criminal toda serie de funesta consecuencias para la obrera. (*La Mujer Nueva*, 08 de novembro de 1935, p. 2).

O discurso higienista também esteve presente nas políticas públicas do Chile nas primeiras décadas do século XX (governos de Ibáñez e Alessandri) e responsabilizava as mulheres pelos altos índices de mortalidade infantil, principalmente as mulheres pobres que eram vistas como ignorantes. Segundo Montero, “el discurso higienista era prejudicioso, ya que suponía que la condición social de las mujeres determinaba ignorancia en relación con nociones de higiene alimenticia y corporal, redundando en las enfermedades de mayor prevalencia de muerte en menores de un año” (MONTERO, 2010, p.29). Havia também a ideia que a mulher teria um instinto natural de maternidade.

²⁶ O Chile na década de 1930 possuía uma lei que garantia duas semanas de descanso pré e pós-natal.

As feministas, nas páginas do *La Mujer Nueva*, criticavam a maternidade obrigatória e enxergavam o aborto como forma de controle da mortalidade infantil. As memchitas defenderam o aborto como necessidade social, pois dadas as condições “un embarazo significaba angustia y la futura muerte de un hijo que no longraria la sobrevivencia en media de la pobreza” (MONTERO, 2013, p.346).

Porque no sigan prosperando la crucecitas blancas en los cementerios, las madres defienden el aborto. Las madres de los conventillos insalubres con las paredes empapadas por el humo y los patios llenos de ropa blanca que ellas no se han de poner. (La Mujer Nueva, junho de 1936, p.6).

No feminismo o debate sobre o aborto é um desdobramento, visão crítica, das relações entre a esfera privada e a esfera pública (BIROLI, 2014, p.123). O direito ao aborto representa para o feminismo o domínio da vida e das escolhas individuais das mulheres, que é pessoal e político ao mesmo tempo. Além ser uma forma de desnaturalizar a representação vigente sobre o ser mulher.

A maternidade vem sendo ao mesmo tempo, um aspecto importante da vida e da identidade de muitas mulheres e fonte de controle e de opressão por parte do Estado e dos homens que lhes são próximos. Anticonceptivos e aborto são necessários para que a maternidade não seja compulsória. O direito ao aborto, especialmente, confronta a idealização da maternidade, que é um modo de representação de um papel compulsório como se fosse tendência natural e desejo comum de todas as mulheres. (BIROLI, 2014, p. 123).

Marta Vergara, em 1936, escreveu para o *La Mujer Nueva* um artigo intitulado “A los enemigos del aborto pedimos protección para la madre obrera” ressaltando as dificuldades que as operárias enfrentavam na gravidez e na criação dos filhos e apontou aumento na procura por clínicas clandestinas que realizavam abortos. Vergara defendeu o aborto como primordial para a saúde pública, mas enxergava a forte influência da Igreja Católica como principal obstáculo para legalização do aborto no Chile.

Cuando el Congreso Médico de Valparaíso hizo ver la necesidad de reglamentar el aborto un grupo contrario puso el grito en el cielo y declaró que lo que habia que hacer era proteger a la madre obrera. Desde entonces ninguna noticia ha llegado a nuestros oídos en el sentido de que se haya dado un solo paso con tal fin. (La Mujer Nueva, maio de 1936, p.3)

A formação da Frente Popular, em 1935, foi decisiva para a formação do MEMCH, no mesmo ano. O MEMCH foi uma iniciativa das comunistas (Marta Vergara e Elena Caffarena) seguiu o exemplo de movimentos de mulheres européias, como o Congresso Mundial contra a guerra e o fascismo em Paris, em 1934. Mas o MEMCH desenvolveu projetos próprios e possuía demandas específicas. O MEMCH não se escreveu na Frente Popular, mas foi um forte aliado, realizando múltiplas atividades em seu favor. O *La Mujer Nueva* foi plataforma de campanha chamando todas as mulheres a aderirem a Frente Popular.

O La Mujer Nueva esperava o apoio dos partidos políticos que compunham a Frente Popular para conquistar o sufrágio total para as chilenas.

El punto de apoyo buscado será sin duda el voto femenino, el recuerdo de las elecciones municipales aún muy fresco y muy grato para esse sector insitirá(?) que el camino que fuerza seguir es el del voto político para la mujer. Los partidos de la izquierda se encontrarán entonces ante una situación incómoda y sobre todo falsa. Por sus principios doctrinarios ellos están obligados a apoya el voto femenino (La Mujer Nueva, maio de 1936, p. 3)

O programa da Frente Popular era vago e moderado, enfatizava mais o econômico que o social (MONTERO, 2010, p. 63). Elena Caffarena escreveu uma nota ao presidente da Frente Popular no La Mujer Nueva, na qual ela relata que elaborou um projeto para ser incorporado ao programa da Frente Popular: “Debíamos entregados al Comité Ejecutivo Nacional del Frente Popular este proyeto del cual dependen el futuro de las nuevas generaciones y aspiramos que ustedes han darle la debida atención.” (La Mujer Nueva, julho de 1936, p.2).

Quando a Frente Popular venceu as eleições de 1938, o jornal *La Mujer Nueva* estampa em suas páginas a esperança das feministas de uma nova situação para as mulheres chilenas:



(LA MUJER NUEVA, outubro de 1938, p.3).

A elaboração do *La Mujer Nueva* e a formação do MEMCH estiveram mais pautados nas causas internas (instabilidade chilena) que externa (feminismo mundial). O feminismo vivido pelas memchistas é único, com elaborações teóricas próprias e práticas sociais em todo Chile. Sendo ainda pouco estudo dentro e fora do país, encontrei muita dificuldades no levantamento biográfico das mulheres que escreveram o *La Mujer Nueva*.

CONCLUSÃO

O jornal *La Mujer Nueva* foi plataforma de informação e formação, órgão difuso do MEMCH, lutou pelos direitos políticos, econômicos, sociais e biológicos das mulheres chilenas. As memchistas lutaram por salários iguais, sufrágio universal, melhores condições de maternidade, legalização do divórcio e aborto. Tais pautas eram consideradas radicais, em um país em que a mulher casada tinha que ter autorização assinada pelo marido para trabalhar e que as mulheres não tinham direito à herança, à propriedade, ao divórcio, ao voto, e com uma forte influência da moral católica.

O MEMCH, através de seu jornal, difundiu informações e opiniões sobre a condição da mulher no Chile com o objetivo de promover sua emancipação. Nessa perspectiva, contribuiu para a formação de coletivos de mulheres dispostos a questionar e o papel social que lhes era atribuído na sociedade. Na década de 1930, as chilenas foram pela primeira vez às ruas para reivindicar direitos. Dois marcos importantes no recorte de nossa pesquisa foram a conquista do voto municipal, em 1931, e do sufrágio total, em 1941, pois incentivaram a inserção social das mulheres na vida política. Tais direitos foram conquistados por mulheres em momentos de agitações políticas, o primeiro, em 1931, durante o processo da queda do ditador Ibáñez, e o segundo, 1941, na instabilidade após morte do presidente Pedro Aguirre Cerda.

Mas infelizmente, o Chile, ainda hoje, é marcado pelo conservadorismo e pela desigualdade entre homens e mulheres. A legalização do divórcio, uma demanda das memchistas na década de 1930, foi aprovada somente em 2004, mas ainda carregando restrições à liberdade das mulheres. As mulheres chilenas divorciadas, para se casarem novamente, são obrigadas a esperar alguns meses (CHACRA, 2013)

Outra demanda do MEMCH foi por melhores condições para as mulheres exercerem a maternidade. Hoje no Chile, segundo estimativa do Grupo Inter-Agencia (2015), é um dos países da América Latina e Caribe com maior mortalidade materna, os planos de saúde no país atualmente são três vezes mais caros para as mulheres em relação aos oferecidos aos homens.

Em 2018, uma nova onda feminista surgiu no Chile, mulheres estudantes de todo o país se organizaram exigindo uma educação não sexista e o fim dos abusos sexuais e assédio. Elas ocuparam universidades cobrando do governo igualdade de gênero, através de uma reforma constitucional que promova a plena igualdade de direito entre homens e mulheres. Sebastián Piñera, atual presidente do Chile, considerou tal demanda e declarou: “é chegado o

tempo de mudar a história, de recuperar o tempo perdido e de iniciar uma nova etapa na relação entre homens e mulheres em nosso país” (discurso proferido em outubro de 2018, no Palácio de La Moneda).

REFERÊNCIAS

_La Mujer Nueva. Órgano oficial del Movimiento Pro Emancipación de la Mujer, Santiago, 1935-1941

AGGIO, Alberto. **Frente popular, radicalismo e evolução passiva no Chile**. – São Paulo: Annablume: FAPESP, 1999.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 1981.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**; Tradução, Renado Aguiar.-8ª ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAFFARENA, Elena. **Algo acerca del proyecto de ley sobre el voto femenino**. Santiago: editorial Zig- Zag, 1945.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a opinião: o novo jogo político**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CORREA, Sofia. **Arturo Alessandri y los partidos políticos en su segunda administración**. In: ORREGO, Claudio et ali. Siete ensayos sobre Arturo Alessandri Palma. Santiago: ICHEH, 1979.

COSTA, Albertina; BRUSCHINNI, Cristina (org.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro/São Paulo: Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992, p.39-53.

DALMÁS, Carine. **Frentismo cultural em prosa e verso: Comparações, conexões e circulação de ideias entre comunistas brasileiros e chilenos (1935-1948)**. 2012. Tese (Doutorado em História Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

ERRÁZURIZ, Javiera. **La prensa obrera femenina y la construcción de la identidad de género**. In: STUVEN, Ana Maria (org.) Historia de la Mujeres en Chile. Aguilar Chilena de Ediciones S.A. Santiago de Chile, 2013.

KIRKWOOD, Julieta. **La formación de la consciência feminista en Chile**. FLACSO-Santiago, 1980.

KIRKWOOD, Julieta. **Ser política en Chile: Las feministas y los partidos**. 1 ed. – Santiago: LOM Ediciones, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea**. *Cadernos Pagu*, n.11, p.67-75, 1998.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política**. 1.ed.- São Paulo: Boitempo, 2014.

Montero, Cladia Miranda. **Textos en Contextos. Discursos feminista en revistas femininas, y su relación dialógica con los discursos sociales, Chile 1930-1939**. Tese (Doutorado em História) — Universidade de Chile, Santiago, 2010.

MONTERO, Claudia. **Cincuenta años de presa de mujeres en Chile 1900-1950.**In:STUVEN, Ana Maria (org) *Historia de la Mujeres en Chile*. Aguilar Chilena de Ediciones S.A. Santiago de Chile, 2013.

MORENO Ximena Jiles, **Queremos Votar en las Proximas Elecciones, historia del movimiento feminino chileno 1913-1952.** FLACSO-Santiago, 1986.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica.** *História* [online]. vol.24, n.1, p.77-98. 2005.

PINTO, Julio. **Historias chilenas del siglo XX.** 1 ed.- Santiago: LOM ediciones, 2010.

RICHARD, Nelly. **Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política;** Tradução de Romulo Monte Aldo- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria de análise histórica.** *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

SOIHET, Rachael; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero.** *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 - 2007.

SUBERCASEAUX, Bernardo. **Historia de las ideas y de la cultura en Chile (vol III).** Universitaria, Santiago, 2011.